

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GABRIEL SOLIMENO

O movimento operário em Jaguarão/RS nas primeiras décadas do século XX

Jaguarão

2023

GABRIEL SOLIMENO

O movimento operário em Jaguarão/RS nas primeiras décadas do século XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientadora: Débora Clasen de Paula

**Jaguarão
2023**

GABRIEL SOLIMENO

O movimento operário em Jaguarão/RS nas primeiras décadas do século XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ____/____/____.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam

Prof. Dr. Jônatas Marques Caratti

Débora Clasen de Paula

Geografia da dor

A fome sabe

onde o pobre mora,

e a felicidade não sabe andar

nos becos e vielas.

A Geografia da dor

registra no mapa

gente viva

com a barriga morta.

O arroz e o feijão

alegam não ter nada a ver com isso.

Quem se importa?

No vazio do garfo e da faca,

o tempero da revolta.

Sergio Vaz

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos se direcionam para todas as pessoas que durante minha caminhada contribuíram e participaram desse processo de formação.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus familiares, minha mãe e pai que sempre me apoiou e incentivou nos momentos mais difíceis. Aos meus irmãos, Geovanna, Isabella e Gabriel que mesmo distantes nunca deixaram de estar presentes.

Agradeço às pessoas que de alguma forma se envolveram e ajudaram a tornar essa pesquisa uma realidade. Ao Alencar Porto que me apresentou o acervo do Círculo Operário, ao professor Caiuá Al-Alam com quem por muitas vezes pude conversar sobre o andamento do trabalho de conclusão de curso.

Esse trabalho em sua totalidade foi um grande desafio. Agradeço pela paciência a orientadora professora Débora Clasen que me encorajou escrever e nunca mediu esforços para me auxiliar durante o processo de pesquisa .

Agradeço aos amigos que conheci durante essa trajetória na Universidade Federal do Pampa e na cidade Jaguarão.

Agradeço aos companheres de luta do movimento estudantil que estiveram presentes durante a ocupação de 2022, aos companheres de luta da Resistência Popular fronteira Sul e às mulheres do Sopão Solidário. A força para chegar aqui hoje em muitos momentos veio de vocês.

Em especial deixo meu registro de agradecimento aos amigos e amigas, Yuri Andreans, Beatriz, Luciano, Maria Alcina, Andriele Paiva, Vinicius Costa, Larissa Rangel, Lucas Falconi, Arthur Viola e Caroline Nunes.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo discutir o movimento operário na cidade de Jaguarão/RS durante a primeira República por meio da Sociedade Operária Jaguarense (S.O.J.) fundada em 1911 e da Sociedade União Operária (S. U. O.) fundada em 1913. As expressões da classe operária, suas experiências organizativas, e os espaços de sociabilidade são o objeto central dessa análise que também busca compreender essas experiências a partir da atuação de dois personagens importantes na organização dessas sociedades: Godofredo Evers e Antônio Guedes Coutinho.

Palavras-chave: Movimento Operário, Trabalhadores, Sociedades Mutualistas.

ABSTRACT

The main objective of this work is to discuss the labor movement in the city of Jaguarão/RS during the first Republic through the Sociedade Operária Jaguareense (S.O.J.) founded in 1911 and the Sociedade União Operária (S.U.O.) founded in 1913. The expressions of the working class, their organizational experiences, and sociability spaces are the central object of this analysis, which also seeks to understand these experiences from the performance of two important characters in the organization of these societies: Godofredo Evers and Antônio Guedes Coutinho.

Resumen

El objetivo principal de este trabajo es discutir el movimiento obrero en la ciudad de Jaguarão/RS durante la primera República a través de la Sociedade Operária Jaguareense (S.O.J.) fundada en 1911 y la Sociedade União Operária (S.U.O.) fundada en 1913. Las expresiones de la clase obrera, sus experiencias organizativas y espacios de sociabilidad son el objeto central de este análisis, que también busca comprender esas experiencias a partir de la actuación de dos personajes importantes en la organización de estas sociedades: Godofredo Evers y Antônio Guedes Coutinho.

LISTA DE ABREVIACOES

1. S.O.J.: Sociedade Operária Jaguareense.
2. S.U.O.: Sociedade União Operária.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Mapa da Província de São Pedro 1835.....	16
Imagem 2: Contracapa do livro "Florilégio premonstratense Biografias de alguns premonstratenses que atuaram no Brasil de 1896 a 2006”.....	32
Imagem 3: Theodoro Rodrigues.“1918-2018 Clube 24 de Agosto”.....	38
Imagem 4: Cordão União da Classe década de 1920. “1918-2018 Clube 24 de Agosto”.....	38
Imagem 5: Peça a “A Greve”.....	43
Imagem 6: A Lanterna: Folha Anticlerical e de combate.....	46
Imagem 7: Godofredo Evers.	47
Imagem 8: Antônio Guedes Coutinho.....	47
Imagem 9: O amigo do Operário,,.....	50
Imagem 10: O amigo do Operário.....	51
Imagem 11: A Lanterna: Folha Anticlerical e de combate	53
Imagem 12: A Lanterna: Folha Anticlerical e de combate	55

Lista de fontes:

Livro de Atas, Sociedade Operária Jaguareense, 1911-1922. Disponível no acervo do Círculo Operário.

Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil, e Industrial (RJ), 1891 a 1940. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal: O amigo do operário, órgão da Sociedade Operária Jaguareense. 1913. Disponível através do Programa de Catalogação e Digitalização de Documentos (PRODDOC).

Jornal: A Lanterna Folha Anticlerical e de Combate SP, 1912,1913. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal: A Conflagração, 1912. Disponível através do Programa de Catalogação e Digitalização de Documentos (PRODDOC).

Jornal: A União, 1914. Disponível através do Programa de Catalogação e Digitalização de Documentos (PRODDOC).

Jornal: A Liberdade, 1907. Disponível através do Programa de Catalogação e Digitalização de Documentos (PRODDOC).

Jornal: O Trabalho, 1905. Disponível através do Programa de Catalogação e Digitalização de Documentos (PRODDOC).

Jornal: O Plectro, Seminário, crítico e noticioso, 1914. Disponível através do Programa de Catalogação e Digitalização de Documentos (PRODDOC).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. Jaguarão: Uma cidade na fronteira do Brasil entre o final do século XIX e início do XX.....	15
3.1. As sociedades de socorro mútuo.....	27
3.2 As experiências da Sociedade Operária Jaguareense e da Sociedade União Operária....	32
4.1. O Cônego Godofredo Evers e o militante solialista Antônio Guedes Coutinho	40
CONCLUSÃO.....	56
Referências Bibliográficas.....	58

1.0 INTRODUÇÃO

O início do século XX foi marcado pelas transformações sociais pela qual a sociedade brasileira, da abolição da escravatura à formação da República, o final do século XIX foi marcado por eventos significativos que causaram grandes impactos. Nesse contexto, de um mundo do trabalho livre recém formado o movimento operário teve destaque sendo palco de diversos embates e enfrentamentos por direitos sociais, políticos e de cidadania. Em Jaguarão, Rio Grande do Sul, esse cenário não foi diferente pois existiam, entre os operários, espaços de articulação e resistência que se estendiam de: clubes étnicos, entidades recreativas, mutualistas, classistas, clubes de futebol, teatro, cordão carnavalesco, espaço educacionais à imprensa dentre outros.

Essa pesquisa busca analisar o movimento operário jaguareense por meio da Sociedade Operária Jaguareense e da Sociedade União Operária e entender, a partir de dois personagens, um pouco da conjuntura do movimento operário em Jaguarão. Antônio Guedes Coutinho e Godofredo Evers atuavam na imprensa e junto ao movimento operário e, nesses espaços, produziram diversos embates envolvendo os operários e a igreja. Via de regra, as fontes utilizadas para fazer essa pesquisa foram periódicos que consegui acessar através do Programa de Catalogação e de Digitalização de Documentos (PRODDOC), o livro de Atas da Sociedade Operária Jaguareense¹ e os jornais *O Amigo do Operário*², órgão da Sociedade Operária Jaguareense, e *A Lanterna: Folha Anticlerical e de Combate SP*³, disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. No que se refere a utilização dos jornais como fonte de pesquisa, para Tânia de Luca (2008) a imprensa periódica adquire sentido mediante as problematizações que são feitas no presente e no processo de análise do historiador em sua pesquisa.

Meu interesse pelo mundo do trabalho surgiu após as disciplinas de Brasil República, Brasil Contemporâneo e História Contemporânea. Nessas etapas da graduação pude me dedicar a leituras referentes à formação da sociedade brasileira e da classe operária, despertando o interesse em entender essas organizações na primeira República. Outro aspecto que me levou a esse trabalho foi a necessidade de aprofundar o entendimento das experiências do movimento operário na cidade de Jaguarão.

Segundo o E. P Thompson (2022), a experiência de classe é determinada em grande medida, pelas relações de produções em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente.

¹ Disponível no acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Consegui ter acesso ao acervo do círculo operário após uma visita onde apresentei meu projeto de pesquisa. Após ter acesso às ATAS fiz o processo de digitalização disponível através do link. >https://drive.google.com/drive/folders/1xV3VRSwzIWTFOxpnqF2-8P59bLA_UNCG<

² Disponível no link ><https://acervo.unipampa.edu.br/proddoc>< (No link encontra-se apenas jornais do século XIX e ATAS da câmara. Os demais jornais utilizados por essa pesquisa foram retirados via pendrive da sala do PRODDOC. Também após ter acesso subi os arquivos para o drive e estão disponíveis através do link. >https://drive.google.com/drive/folders/1xV3VRSwzIWTFOxpnqF2-8P59bLA_UNCG<

³ Disponível no link ><http://bndigital.bn.br><

O autor afirma que a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais (THOMPSON, 2022, p.10). Em seu trabalho o autor busca se distanciar da percepção generalizada de que classe é um objeto estático pertencente à superestrutura e que a consciência é algo inventado por intelectuais visto que perturba a existência harmoniosa de grupos que desempenham diferentes papéis sociais. Para Thompson (2022), “A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, essa é a sua única definição (THOMPSON, 2022,p.12).

A partir dos anos 70 houve diversas mudanças no modo de pensar e produzir História, umas das correntes de pensamento que influenciou essas mudanças na produção historiográfica foi o marxismo britânico. Entre as contribuições históricas do marxismo britânico, irei aqui brevemente trazer E. P Thompson. O autor em sua vasta obra buscou renovar as percepções do marxismo, ampliando sua lente para o humanismo e para a cultura. Nesse sentido o autor oferece novos recursos para pensar a luta de classes incluindo os campos da moral e da cultura como fundamentais para entender a experiência histórica do proletariado.

Desta forma este trabalho está situado no campo da História Social e busca compreender através dessa análise as manifestações culturais, sociais dos operários em Jaguarão/RS. Durante os capítulos vão aparecer manifestações culturais e políticas que permitem compreender os espaços de sociabilidade e as tendências ideológicas que circulavam entre a classe trabalhadora. Segundo Sílvia Petersen (2001), a historiografia do movimento operário no Estado passou por diversos momentos. Na década de 70 os pesquisadores gaúchos começaram a investigar a história dos operários e, nesse sentido, as produções foram direcionadas à instituições, partidos e jornais tornando a classe quase como um efeito mecânico da estrutura produtiva. No segundo momento, na década de 80, houve um rico movimento de localizar fontes e organizar arquivos possibilitando que, no terceiro momento, houvesse um conjunto de transformações na historiografia. (PETERSEN, 2001, p.14).

Para Beatriz Loner (2016), apenas a existência de um trabalho livre e um centro industrial não era suficiente para existência de uma classe. A existência de uma classe demanda uma relação com outras classes, relação com outros dentro da mesma classe e uma relação histórica consigo mesmo, pois classe se forma a partir de suas próprias vivências, modo de vida e trabalho:

A classe se faz, enquanto vive sua própria história, em sua definição mais conhecida. Este fazer-se deve ser entendido como resultado de suas lutas, experiências, vivências, valores e tradições culturais, em sua vida cotidiana e em seu trabalho, na forma como enfrenta os patrões e o Estado. (LONER, 2016, p.22)

Os periódicos são um importante instrumento de pesquisa para entender o movimento operário. Nos periódicos é possível constatar as lutas cotidianas dos indivíduos e suas opiniões perante a sociedade. Segundo Tânia de Luca (2008), a noção documental se expandiu com a influência da escola de Annales e do marxismo britânico, esses movimentos iniciaram mudanças

nos padrões documentais e nas abordagens trazendo o cotidiano, o inconsciente, os mitos e a cultura (LUCA, 2008). Os periódicos operários possuem diferenças dos comerciais e clericais, pois nesses eram discutidos espaços de organização, composição do operariado, ideologias presentes, as cisões internas, a movimentação, a resistência dos trabalhadores entre diversos outros aspectos. A relação entre História e Imprensa tem contribuído, nas últimas décadas, para o conhecimento histórico e para renovar o olhar dos historiadores sobre essa fonte.

A imprensa operária tinha um caráter formativo e produziu diversas posições radicais, hostis em relação a outro grupo ou ideologia diferente. Segundo, Sílvia Petersen (2001) o pesquisador tem por dever relativizar as ocorrências e buscar contrapontos que nem sempre são visíveis no conteúdo de determinadas matérias:

Também não se deve esquecer que, em se tratando de jornais operários eles são dirigidos por alguns militantes que tem como objetivo “despertar a consciência de classe”, “sacudir os companheiros do torpor em que se acham imersos” e não podem ser tomados mecanicamente como “expressão da classe” (PETERSEN, 2001, p.20)

Para Beatriz Loner (2016), estudar a formação da classe operária no Brasil significa analisar e acompanhar sua evolução temporal, suas lutas, organizações, ideologia, condições de vida e trabalho e todo o processo que faz milhares de indivíduos agentes históricos. Durante a República foram se desenvolvendo diversas formas de atuação, criando e consolidando organizações, relacionando-se com atores sociais e solidificando experiências de trabalho e de lutas, confraternização entre si ou não, integrando novos grupos, com diferentes costumes, línguas e aspirações (LONER, 2016, p.14).

A existência de sociedades operárias mutualistas e de resistência exigiam uma capacidade de articulação imensa do movimento operário. Em Jaguarão existiam duas sociedades operárias diferentes em seu caráter ideológico e modelo de atuação, as já mencionadas, Sociedade Operária Jaguareense e a Sociedade União Operária. Essas entidades atuavam em um contexto de República recentemente formada e, em uma cidade que, historicamente, teve a presença do mando senhorial escravista e posteriormente coronelista. O objetivo deste trabalho é evidenciar como essas sociedades atuam e as suas propostas para classe operária nas primeiras décadas do século XX. Para abordar essas sociedades volto meu foco de pesquisa para três fatores: a organização operária na cidade de Jaguarão, as manifestações da classe e os personagens Godofredo Evers e Antônio Guedes Coutinho.

No primeiro capítulo há uma breve contextualização da formação da cidade de Jaguarão e sua importância geográfica. Nesse sentido, o capítulo traz aspectos que causaram impacto na região durante o século XIX e início do XX, a exemplo do processo de abolição da escravatura, da resistência e organização dos trabalhadores negros, e a formação da classe operária no pós abolição. O segundo capítulo foi dividido em duas partes, sendo a primeira para trazer

características das sociedades mutualistas durante a primeira República e a segunda para abordar a atuação da Sociedade Operária Jaguarense e da Sociedade União Operária entre os operários. No terceiro e último capítulo, abordei a trajetória do cônego Godofredo Evers e do militante socialista Antônio Guedes Coutinho. Nesse contexto, o capítulo é um apanhado da participação de ambos no movimento operário, na imprensa e como educadores na cidade. Destaca-se, nesse momento, as óticas e perspectivas diferentes dos personagens e os embates entre as mencionadas entidades operárias. A discussão evidencia para além de aspectos morais as divergências ideológicas que permeiam os personagens do conformismo do cônego Godofredo à insatisfação e revolta de Coutinho.

2.0 Jaguarão: Uma cidade na fronteira do Brasil entre o final do século XIX e início do XX

Durante o século XVIII e início do XIX houve, por parte do Império, uma preocupação em demarcar as fronteiras na região do Rio da Prata. Segundo Roberto Duarte Martins

(MARTINS, 2010,p.18) A cidade de Jaguarão foi formada em 1802, por militares, com a criação da Guarda do Cerrito na província de São Pedro.

A historiografia local argumenta que a ocupação tinha como objetivo criar a sede da guarda militar e uma base de operações, num contexto em que o território fronteiriço que compõe a região passava por disputas entre as coroas luso-brasileiras e hispânicas. Devido ao crescimento habitacional decorrente do fim dos conflitos com o Uruguai, a guarda militar começou a crescer e foi elevada em 1812 ao posto de freguesia com o nome de Espírito Santo (FRANCO, 2001, p.34).

O objetivo da ocupação da região para além de demarcar as fronteiras e ampliar as bases de defesa da vasta colônia luso-portuguesa, que tinha dificuldades de pessoal para defendê-la, era incentivar o povoamento e dar início a uma agricultura comercializável no mercado europeu. Segundo Roberto Duarte Martins (2001, p.35) as consequências dessa política foi que:

[...] A região continuava rarefeita, pouco povoada com alguns proprietários, mas com seu território já distribuído em grandes propriedades, onde se desenvolvia a pecuária extensiva. Essa forma de distribuição caracterizou a região do sul da Província e deu origem a uma sociedade latifundiária, patriarcal e hierárquica de senhores, peões e escravos.



Imagem 1:

Mapa da Província de São Pedro 1835.

Fonte: Brasil Turismo.⁴

Sergio da Costa Franco (2010) aponta que o modelo de ocupação territorial de Jaguarão aconteceu através da conquista de terras pelos militares e dos arranjos da coroa luso-brasileira, e que isso levou a uma forte concentração imobiliária, posses irregulares de terras e acumulação de

⁴ Disponível em <https://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/historia/mapa-provincia.htm>

bens⁵ (FRANCO, 2001, p.34). Essa ocupação fez com que a cidade de Jaguarão, que está situada na fronteira com Uruguai, às margens do rio, tivesse durante o século XIX um desenvolvimento econômico baseado em um modelo de produção pautado pelo mando senhorial e escravista⁶ (FRANCO, 2001, p.97).

Ainda conforme este autor, o impacto do sistema escravista foi devastador para a região causando diversos problemas para o desenvolvimento da cidade (FRANCO, 2001, p. 104-105):

[...] É indubitável que o regime escravista era altamente gravoso para o processo produtivo, pois exigia uma pesada “imobilização” em mão de obra permanente. A espantosa resistência do escravismo no Brasil foi certamente uma das razões do atraso do nosso desenvolvimento econômico, do baixo nível de investimentos em agricultura e pecuária e da aguda diferença de poder aquisitivo entre as diferentes classes sociais.

A historiografia sobre a cidade⁷, até o início do século XXI, pouco se preocupou com os estudos sobre escravização e sobre o mundo do trabalho no século XIX. As produções encontradas falam sobre a arquitetura, os monumentos históricos e as fachadas do século passado. Outra característica da historiografia sobre Jaguarão é a reconstrução da trajetória dos “grandes homens”. Na maior parte das vezes essas figuras são militares, comerciantes da indústria pastoril, burocratas e intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico (IHGJ).⁸

Segundo Andréa da Gama Lima (2010), a cidade de Jaguarão, localizada ao Sul do Brasil, na fronteira com o Uruguai, é reconhecida por seus conjuntos arquitetônicos, que constituem um acervo considerado sem similar em número e estado de conservação no Rio Grande do Sul. Para a autora destaca-se neste cenário, às edificações erigidas nos últimos decênios do século XIX e princípios do século XX, período de prosperidade econômica que demarca o apogeu da construção civil local. Em sua dissertação a autora problematiza o legado da escravidão na formação cultural do patrimônio jaguarense.

A partir do início do século XXI estudos e trabalhos fizeram surgir novas percepções em relação à história da cidade e da região. Um dos pioneiros nesses estudos sobre a escravidão e mundo do trabalho foi Paulo Moreira (2003). Em seu trabalho o autor traz os dados do censo de 1833 em que é possível ver a população de Jaguarão formada por 64% de homens negros e 35%

⁵ A Sesmaria era um lote de terras distribuído a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens e foi núcleo da fazenda, latifúndio onde além de desenvolver a pecuária, **trata-se de** um centro de irradiação social e político, núcleo formador do patriarcado rural e da democracia campesina.

⁶ Na sociedade rio-grandense no século XIX também existiam os trabalhadores assalariados, como os peões das estâncias, que trabalhavam por baixos salários, criando por isto um nomadismo, com serviços temporários em cada estância (MARTINS, 2001, p.20).

⁷Eduardo Alvares de Souza Soares,2005,**Ponte Mauá: Uma história**. Eduardo Alvares de Souza Soares, Sérgio da Costa Franco, 2010, **Olhares sobre Jaguarão**. Sérgio da Costa Franco,2012, **Jaguarão e os militares, dois séculos na fronteira**. Sérgio da Costa Franco, 1980, **Origens de Jaguarão 1790-1833**.

⁸ **Cadernos Jaguarenses, 1998, vol II, Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão**. Carl Seidler,2020, **Dez anos no Brasil**.

de mulheres negras. Esses trabalhadores e trabalhadoras escravizados atuavam na lida do campo e em serviços domésticos na cidade⁹.

Segundo Allan Mateus Cereda (2017) essa ocupação territorial da fronteira sul foi construída através de doações de grandes extensões de terras para poucos proprietários para a criação de gado. Para o autor houve uma predominância latifundiária na colonização do sul do estado e um desenvolvimento de uma indústria pecuária baseada nas charqueadas (CEREDA, 2017, p.30).

De acordo com Fernando Henrique Cardoso (1997), a indústria saladeiril produtora do charque foi o principal produto da economia rio-grandense até a última década do século XIX. Essa indústria tinha uma profunda relação com o escravismo na utilização de mão de obra nas charqueadas. O autor contraria a ideia de “democracia rural” e de tratamento “benevolente” dos senhores apesar de cometer equívocos minimizando a importância de cativos na região de fronteira. Outro aspecto de sua obra foi a descrição da violência no sistema escravocrata da região sul do país. Isso, segundo o autor, levaria a um processo lento onde o escravizado como consequência da violência tornaria-se um objeto, incapaz de visualizar a própria liberdade e estabelecer laços afetivos. Dessa forma, a coisificação desse sujeito diante das violências e humilhações faz com que essa figura torne-se inerte, sem vontade própria e marcado pela expressão desse sistema social (CARDOSO, 1997). Essa concepção historiográfica passou a ser contestada a partir da década de 1980 sob influência do marxismo britânico¹⁰. Segundo E. P. Thompson (1978) o afastamento da agência humana da história torna ela um processo sem sujeitos e o determinismo histórico definido pela falta de “consciência” levou ao reducionismo econômico para explicar os processos históricos. Para esse autor, os acontecimentos da humanidade são processos separados entre os acontecimentos e as práticas. Em seu trabalho, Thompson procurava dar destaque à consciência e à atuação humana, e o fazia a partir da categoria de experiência, a qual se tornou chave intermediadora entre o sujeito e a consciência. “O contexto influencia o processo histórico, no entanto ele não pode ser pensado como o centro dele” (THOMPSON, 1978, p.100).

No que se refere a Jaguarão, Matheus Batalha Bom (2017) contesta as perspectivas da “coisificação do sujeito” a medida em que evidencia as estratégias de luta contra a escravidão e pela busca incessante da alforria. O autor destaca que o alto número de alforrias registradas pelos próprios escravizados ou por seus familiares somavam 39% das alforrias de 1830 a 1860 e que isso, era um reflexo da capacidade dos trabalhadores negros de criar laços familiares, espaços de

⁹ Essa sociedade também era composta por homens livres, que estavam vinculados às classes média e inferiores da estrutura social. Essa classe média tinha que competir com o trabalho escravizado ou dos estrangeiros mestres-de-ofícios. O centro dessa sociedade era ocupado pelos militares, formando com os estancieiros e grandes comerciantes as classes superiores.(MARTINS, 2001, p.20)

¹⁰ O marxismo britânico foi um projeto em comum de renovação do Materialismo Histórico, cuja principal característica era a valorização da "Cultura", não mais postulada como mero epifenômeno da "Economia".

resistência e de sociabilidade para alcançar a liberdade e se fortalecer dentro de uma estrutura escravocata. Esses aspectos de luta e resistência também vão se manifestar em outros trabalhos sobre a cidade e a região demonstrando que, para além da capacidade de enxergar um horizonte de liberdade, esses e essas trabalhadoras utilizavam estratégias para alcançá-las (BATALHA, 2015, p.41).

Paulo Moreira (2003) aponta em seu estudo que 71% dos senhores de escravizados possuíam em média 1 a 9 cativos em Jaguarão e que 80% desses trabalhadores estavam no campo¹¹. Essa característica, segundo o autor, é semelhante às que aconteciam em Pelotas e Rio Grande. Gabriel Aladrén (2011)¹² também argumenta que 52,3% desses trabalhadores escravizados eram africanos e que esse número pode ter sido consequência da lei de 1831¹³. Isso fez com que os proprietários escravistas e os traficantes aumentassem os planteis com cativos africanos como reação à extinção do tráfico negreiro (MOREIRA, 2009, p.09).

A região, que foi fundamental para a ocupação do espaço platino pelos portugueses, contou desde o início com a presença de africanos. Com o estabelecimento da vila militar, do comércio, da criação de animais, Jaguarão passou a contar com um número maior de escravizados. Matheus Batalha Bom (2015) afirma que a escravidão tem uma íntima relação com o campo e a criação de gado vacum, e que a cidade teve, até 1860, a maior proporcionalidade de presença de escravizados em todo o estado do Rio Grande do Sul (BATALHA, 2015, p.15).

A luta dos trabalhadores escravizados durante o século XIX coincidiu com o início das lutas do movimento operário no Brasil. Esses trabalhadores se organizaram coletivamente para obter liberdade, negociar melhores condições de trabalho, recorrer à justiça e assim tentar conseguir alforrias e enfrentar os senhores. Essa articulação cultural e política complexa ajudou a pôr fim à sociedade escravista.

Os estudos do pós-abolição trazem reflexões sobre essa sociedade, sobre o como e o quanto homens negros e mulheres negras livres foram agentes nesse processo histórico. Esses estudos aprofundam as análises sobre a experiência dos e das trabalhadoras negras após a introdução do trabalho livre, buscando fugir do reducionismo e da marginalização dos libertos no mercado de trabalho enfatizado nos estudos clássicos acerca da sociedade brasileira. Esses estudos buscam rever o paradigma de que, após a abolição do cativo, os escravizados foram substituídos pela grande massa de imigrantes que vinham da Europa (RIOS; MATOS, 2004, p. 02-03).

¹¹ Entre 1802 e 1834 funcionaram pelo menos quatro charqueadas às margens do rio Jaguarão, em uma delas o proprietário tinha 68 cativos e um rebanho de 15000 animais designados como “reses de rodeio de charqueada”. Desta forma é possível constatar que também existiam grandes produções com números elevados de trabalhadores escravizados (CEREDA, 2017,p.32).

¹² Os documentos utilizados por por Paulo Moreira e Gabriel Aladrén, que são os inventários post-mortem, assim como a temporalidade estudada, quando se referem aos números relacionados à posse de homens e mulheres escravizados e escravizadas.

¹³ LEI DE 7 DE NOVEMBRO DE 1831. Declara livres todos os escravos vindos de fora do Império, e impõe penas aos importadores dos mesmos escravos.

O final do século XIX foi marcado por campanhas abolicionistas e articulação dos trabalhadores escravizados para colocar fim ao sistema escravista. Aladrén (2011) argumenta que, mesmo com as leis anti tráfico, Jaguarão, a exemplo de outras cidades, manteve forte concentração de escravizados e tentou segurar essa mão de obra até os últimos dias em que vigorou o regime escravocrata (ALADRÉN, 2011,p.156). Segundo Jônatas Caratti (2013) a cidade estava entre os municípios com maior número de escrituras de compra e venda de cativos e era uma importante zona para exercício do tráfico ilegal de escravizados devido a proximidade com o Uruguai.

Jaguarão esteve, durante o século XIX, na rota do tráfico transatlântico e através do porto desembarcaram milhares de trabalhadores escravizados. Thiago Rosa da Silva (2015) aponta que a cidade foi uma das que mais utilizou mão de obra escravizada da província de São Pedro. Para o autor, Jaguarão, neste período, era uma cidade “negra” com características semelhantes a outras da província (SILVA, 2015, p.27)

[...] Ocupando as zonas rurais, mas também circulando nos espaços urbanos, a população negra aqui estabelecida foi forjando estratégias de liberdade, tecendo redes de solidariedade e, evidentemente, buscando maneiras de resistir ao cativo, ou no mínimo, buscar um cativo mais justo.

A abolição representou uma transformação da vida social e econômica gaúcha. As cidades como Jaguarão e Pelotas que tinham uma economia charqueadora dependente dessa força de trabalho resistiram a abandonar essa prática. Para as elites locais a substituição deste trabalho por imigrante era difícil, pelo desconhecimento do trabalho das charqueadas. Muitos charqueadores resistiram em transformar a mão de obra escravizada em assalariada. Com a abolição, as relações no mundo do trabalho passaram por transformações. No entanto, Beatriz Loner (1999, p.80), argumenta que a utilização da mão de obra livre não era uma simples etapa na constituição da mão de obra:

[...] a questão não foi resolvida com a abolição. Esta foi apenas uma etapa na constituição do mercado de mão de obra, porque destruiu, definitivamente, uma instituição arcaica, abrindo espaço para novas formas de arregimentação de trabalhadores, antes inibida por sua existência.

A abolição representou uma transformação da vida social e econômica gaúcha. As cidades como Jaguarão e Pelotas que tinham uma economia charqueadora dependente dessa força de trabalho resistiram a abandonar essa prática. Para as elites locais a substituição deste trabalho por imigrante era difícil, pelo desconhecimento do trabalho das charqueadas. Muitos charqueadores resistiram em transformar a mão de obra escravizada em assalariada. Com a abolição, as relações no mundo do trabalho passaram por transformações. No entanto, Beatriz Loner (1999, p.80),

argumenta que a utilização da mão de obra livre não era uma simples etapa na constituição da mão de obra:

[...] a questão não foi resolvida com a abolição. Esta foi apenas uma etapa na constituição do mercado de mão de obra, porque destruiu, definitivamente, uma instituição arcaica, abrindo espaço para novas formas de arregimentação de trabalhadores, antes inibida por sua existência.

Loner (1999) também argumenta que as elites sob a República buscaram uma nova forma de organização das classes produtoras e o disciplinamento da classe trabalhadora. Esses interesses visavam garantir a obtenção de mão de obra com a oferta de trabalho excedente, diversificada e barata. A mão de obra diversificada tinha como objetivo manter a dificuldade de organização da classe trabalhadora e a abundância de operários para manter os salários baixos. A política imigrantista¹⁴ da segunda metade do século XIX contemplou essas demandas, pois aumentava a mão de obra para o trabalho rural e urbano mantendo os salários baixos¹⁵ (LONER, 1999, p.81).

Em Jaguarão durante o século XIX também existia, entre os trabalhadores, uma parcela de imigrantes. No primeiro censo em 1833¹⁶ A população de imigrantes na cidade era de apenas 136 pessoas. A guerra do Uruguai¹⁷ que durou até 1851 trouxe para a cidade diversos cidadãos uruguaios e europeus que optaram por migrar para o Rio Grande do Sul pacificado após a Revolução Farroupilha (1835-1845) fazendo aumentar o quantitativo de trabalhadores imigrantes na cidade (FRANCO, 2001,p.81). Já no censo¹⁸ de 1872 é possível identificar o aumento desses trabalhadores pois existiam no município 6810 moradores dos quais 1331 eram estrangeiros, representando 19% da população. O censo de 1890 revelou uma queda proporcional no número de imigrantes comparado a totalidade de habitantes indo de 19% para 14% da população (FRANCO, 2001, p.117). Entre esses imigrantes¹⁹ havia 993 uruguaios, 270 portugueses, 85 italianos e outras nacionalidades representadas em números menores (FRANCO, 2001, p.84). O crescente aumento dos imigrantes na cidade também estava relacionado aos ciclos de imigração do continente europeu (CENSO FEE, 1981, p.82).

¹⁴ Em meados de 1845 iniciou-se na Europa o grande ciclo de emigração que deslocaram para América milhares de trabalhadores. Entre 1846 e 1850 uma média de 250 mil pessoas deixaram o continente Europeu (HOBSBAWM, 1996, p.271).

¹⁵ A política de imigração também está fundamentada no determinismo biológico cientificista defendido pelas elites no século XIX.

¹⁶ Os dados do censo de 1833 realizado após a emancipação do município são abordados por Sergio da Costa Franco em seu livro **Gentes e Coisas da Fronteira Sul**,2001 p.81

¹⁷ A guerra civil no Uruguai aconteceu de 1839 até 1851. O conflito entre os partidos colorado e blanco, recebeu apoio do Império brasileiro que se colocou ao lado dos colorados, e da Confederação Argentina, que apoiou o partido blanco

¹⁸ O censo de 1872 trouxe Espírito Santo de Jaguarão, Nossa Senhora da Graça de Arroio Grande e São Batista do Herval com 8076 habitantes. (CENSO FEE, 1981,p.82) Nessa operação não houve a computação de Herval e Arroio Grande separadas de Jaguarão sendo contabilizada toda a freguesia do Espírito Santo.

¹⁹ O levantamento do 1 distrito de Jaguarão efetuado pela polícia em 1867 apontou 15,9% da população como imigrante.

A tese da “substituição” do trabalhador escravizado pelo trabalhador livre é algo que frequentemente é abordado pela historiografia tradicional e leva a reafirmação de uma história única marcada pela superioridade intelectual e racial dos imigrantes que ocuparam em maior proporção o sul e sudeste do Brasil no final da escravidão e no pós-abolição. Essa tese reduz o conhecimento de uma sociedade que tinha uma diversidade social imensa, colocando a branquitude como detentora dos melhores ofícios e posições e a mestiçagem na linha da pobreza e da sujeição.

Segundo Sidney Chalhoub (1990), as transformações sociais ocorridas durante o processo de abolição trouxeram mudanças bruscas. As elites, que antes empregavam os seus recursos na manutenção do sistema escravocrata, com a abolição, passaram a dirigir os recursos para outras áreas como construção de estradas de ferro²⁰, transportes, urbanização das cidades e na formação das indústrias. Esse processo de urbanização fez com que houvesse um vertiginoso crescimento populacional e um impulso na economia nessas regiões. Esse crescimento econômico ocasionou a ida de trabalhadores do campo para a cidade em busca de uma vida melhor. O êxodo rural foi bruscamente acentuado com a abolição da escravatura, pois segundo Rita de Cássia Souza Batista (2006), a população negra buscava nos centros urbanos melhores condições de vida e de trabalho. No entanto, a autora argumenta que o cenário encontrado com a abolição da escravatura e a migração da mão de obra do campo para a cidade, era de um mercado de trabalho com superabundância de oferta e outros problemas mais graves (BATISTA, 2006, p.46):

[...] O povo negro tornou-se diarista, bóia fria, compondo o mercado informal de trabalho. Os vendedores ambulantes multiplicaram-se. Os negros vendiam o que pudesse produzir, confeccionar, tecer, fabricar em suas residências, como verduras, legumes, doces, salgados e etc.

Nesse contexto de transformações no mundo do trabalho, a disciplina se tornou um elemento fundamental para o controle social da classe operária. E. P Thompson (1998) argumenta que no século XVIII na Inglaterra os trabalhadores que estavam fora do mercado de trabalho eram vistos como desordeiros e baderneiros. Para o autor, esses trabalhadores por estarem fora da nova disciplina do trabalho fabril eram considerados “rebeldes sociais”. No Brasil durante o século XIX a relação do mundo do trabalho foi regida pela disciplina e pelo paternalismo. Com a abolição o conceito de trabalho empregado pelas elites passou a ser relacionado com a moralidade, quanto mais o indivíduo trabalhasse, maiores eram seus atributos morais. Essas mudanças fizeram parte das transformações sociais que a sociedade brasileira passava. No primeiro momento, os trabalhadores estavam submetidos às elites escravocratas e às relações de poder em um mundo onde o trabalho não era livre. No segundo momento, o trabalho livre está no centro da sociedade

²⁰ Em Jaguarão a primeira estrada de ferro teve início em 1912 tendo as obras sido interrompidas devido a Primeira Guerra Mundial, sendo concluída apenas em 1932. (MARTINS, 2001,p.269)

e, portanto, necessita do disciplinamento dos trabalhadores para a manutenção do controle social e condicionamento da classe operária à venda de sua força de trabalho para sobrevivência.

Nessa perspectiva, para as elites, a ociosidade era um problema e o trabalho era uma forma de educar e combater o “vício dos libertos”. No final do século XIX o Brasil implementou um projeto repressivo contra a ociosidade. Os indivíduos sem trabalho deveriam ser punidos e internados em colônias agrícolas para exercer trabalho forçado. Elione Silva Guimarães (2006) argumenta que a preocupação com o ordenamento do trabalho fez com que os legisladores criassem mecanismos de combate à ociosidade, sobretudo para os libertos que não quisessem ingressar no regime de trabalho livre baseado em relações de exploração e de baixa remuneração (GUIMARÃES, 2006, p. 152).

Para Hebe Mattos de Castro (1991) até da década de 1990 a historiografia abordava que, após a abolição, o único destino do negro era a marginalização e essa perspectiva se manifestava nos estudos clássicos. A imagem do negro, de sua cultura e de seus saberes na sociedade brasileira e rio-grandense foi processada pela via da discriminação velada. A democracia racial²¹, termo utilizado por Gilberto Freyre para esconder os conflitos étnicos raciais do Brasil, na prática, escondiam a realidade que impedia o negro de ser um cidadão livre, com direitos e deveres. Esse mito difundido através das elites intelectuais brasileiras contribuiu para a marginalização desses indivíduos e foi a justificativa para a ausência de políticas específicas de integração. Em sua obra Gilberto Freyre (2019), apresenta uma valorização positiva relacionada à mestiçagem, diferente do que se fazia até então, que valorizava o princípio da eugenia e a negativa visão sobre o mestiço. Freyre comparava as sociedades brasileira e estadunidense num exercício para pensar as relações raciais e sociais, de onde partiu a compreensão de que no Brasil, diferente dos EUA, havia uma fluidez nas relações raciais que lá não existiam. O que posteriormente se materializou com a perversa concepção da “democracia racial”.

No entanto, as historiadoras Ana Maria Rios e Hebe Mattos (2004) argumentam que até a década de 1990, apenas a marginalização dos libertos no mercado de trabalho era enfatizada nas análises historiográficas. Em um contexto de emancipações políticas em nome da liberdade, a questão da cidadania dos libertos, o pensamento racial emergente das novas nações em construção passou pela necessidade de ser cada vez mais considerado. O diferencial dos estudos do pós-abolição, dos estudos modernos da sociedade brasileira são a evidência dos projetos de liberdade e do seu significado para a população que finalmente iria vivenciá-la. Em termos concretos, a liberdade alcançada com o fim legal da escravidão teve significados diferentes para os escravizados urbanos e rurais, com habilitações profissionais ou de roça, homens ou mulheres. Segundo as autoras (RIOS; MATTOS, 2004, p.174)

²¹ Democracia racial é um conceito que nega a existência do racismo no Brasil.

[...] Apesar destas diferenças muitos dos comportamentos e projetos das últimas gerações de escravos se mostraram semelhantes nas Américas. Dentre eles, destacam-se a busca generalizada por cidadania por mais autonomia e controle sobre tempo e ritmos de trabalho, a busca da proteção da família com a luta (nem sempre vitoriosa) pela retrada de mulheres e crianças do trabalho coletivo nas gangs ou “turmas”, a recusa ao trabalho e as contra o tratamento que lhes lembrasse a escravidão, dentre eles restrições à mobilidade espacial e os castigos físicos.

Segundo Sidney Chalhoub (1986) os trabalhadores negros durante o século XIX exibiram uma consciência de sua situação social. Essa percepção estava expressa na linguagem social, produto da percepção de uma cultura de classe. A causa política do século XIX era a emancipação e a liberdade, e no século XX, novas aspirações surgiram, assim como outros modelos organizativos: o associativo, a luta por direitos e a greve, os direitos dos ofícios às sociedades de socorro mútuo, beneficente, recreativa e étnicas. Essas tentativas de organização serviam para proteger os costumes comuns e demonstravam como os trabalhadores poderiam levantar barreiras contra a exploração senhorial e patronal no mundo do trabalho livre.

Caiuá Al-Alam (2019) argumenta que, no período do pós abolição, em Jaguarão, existia um padrão de condenação racial. Isso, segundo o autor, fez com que a comunidade negra passasse a se organizar de diversas formas. Nessas organizações é possível identificar a construção de uma identidade positiva que afirmasse seu direito de viver em uma sociedade livre e fizesse enfrentamento ao racismo científico das elites intelectuais. Ainda segundo Caiuá Al Alam (2019), as estratégias da criação e fortalecimento de suas comunidades visavam além de construção positiva de suas imagens como negros e negras, o empoderamento como homens e mulheres e a busca por uma melhor formação educacional e de trabalho. Essas experiências não eram simplesmente respostas à exclusão realizada pela sociedade branca e sim capacidade de organização e protagonismo da comunidade negra: “Neste processo de racialização, que avançava perversamente com o conhecimento científico nas universidades, escolas e museus, a comunidade negra buscou fortalecer uma identidade racial que afirmasse a sua capacidade de viver numa sociedade livre.” (AL-ALAM, 2019, p.05).

De acordo com Alzemiro Gonçalves da Rosa (2015), a comunidade negra em Jaguarão estava espalhada pela cidade. Entre os espaços ocupados destaca-se a pedreira do Cerro que tinha uma presença negra marcante, pois segundo o autor, diante da ausência de possibilidades de trabalho devido às poucas oportunidades para qualificar-se em ofícios específicos, a pedreira situada na região era uma alternativa de trabalho, assim como a pecuária e a agricultura (ROSA, 2015, p.24).

Segundo Daniel Filipe Soares de Souza (2022) que investiga as relações de parentesco na formação de um campesinato negro na fronteira do Brasil com o Uruguai, a cidade teve importante participação de trabalhadores negros nas zonas rurais e urbanas. Em seu recente estudo, o autor argumenta que a produção através do cultivo, tanto para o consumo quanto para venda, caracteriza

a formação de um campesinato negro. Essa narrativa contradiz a perspectiva de um campesinato formado apenas por brancos e imigrantes, e, portanto, as análises que expunham maior presença destes ocupantes em maior proporção na região sul e sudeste (SOUZA, 2022, p.26).

Em carta enviada por Thomas Aquinas Schoenars, missionário da ordem premonstratense²² é possível identificar a atuação de trabalhadores negros nas redondezas da cidade. Segundo Thomas²³, esses trabalhadores tiravam o leite e preparavam a manteiga para vender na cidade. O missionário também critica o modo de produção adotado usando como parâmetro a forma em que se produzia a manteiga em sua terra natal (SOARES, 2003, p. 134):

[...] Jaguarão é servido com manteiga e leite pelos agricultores negros das redondezas da cidade, como também ocorre na Bélgica. Lá, primeiramente, ordenha-se nas fazendas e obtém-se, após, a manteiga, batendo-se o leite, ou por centrifugação, a custa de muito trabalho. O agricultor jaguareense sabe fazer as coisas de modo mais simples e mais cômodo.

Em outro trecho ao descrever os campos da cidade de Jaguarão Thomas diz que (SOARES, 2003, p.169):

[...]A maioria dos gaúchos peões são negros e excelentes cavaleiros, que quase não descem dos arreios a não ser para dormir. Com admirável habilidade manejam o laço, seu principal instrumento de trabalho. Afora isso, aceitam a existência como ela é, passam a vida e morrem no campo verdejante e sem fronteiras.

Após a abolição é possível encontrar trabalhadores negros em diversos setores da sociedade. Esses trabalhadores estavam vinculados às mais variadas atividades e ofícios. A Sociedade Operária Jaguareense e o Clube 24 de Agosto tiveram importante contribuição desses trabalhadores como veremos adiante no próximo capítulo.

Nesse contexto, a cidade de Jaguarão, no início do século XX, passava por um desenvolvimento econômico e era possível observar a abertura de diversos jornais. Nos periódicos é notável os anúncios de alfaiatarias²⁴, farmácias²⁵, hotéis²⁶, botequins, lojas de tecidos, padarias, sapatarias e estabelecimentos, além de fábricas de vela, sabão, veículos, serrarias, carpintarias²⁷, marcenarias, tamancarias, tipografias e das charqueadas (VERGARA, 2019, p.23)²⁸.

²² A atuação da Ordem premonstratense é um elemento fundamental para compreender a formação da classe operária na cidade de Jaguarão. A atuação da ordem será abordada no próximo capítulo.

²³ O Padre Thomas Schoenaers nasceu em 18 de março de 1872 e ingressou na ordem premonstratense em 1891. Tendo assumido sob sua responsabilidade a tipografia da ordem, na Abadia de Averbode, editou o jornal O Mensageiro. Mostrou inclinação para as letras, deixando cartas das viagens com relatos do Brasil e de Jaguarão..

²⁴ Jornal: **A Conflagração**, (1912),p.02. Órgão noticiário, crítico literário, poético e humorístico.

²⁵ Jornal: **A União**, (1914),p.02. Órgão dos interesses do comércio e do município.

²⁶ Jornal: **A União**, (1914),p.02. Órgão dos interesses do comércio e do município.

²⁷ Jornal: **A Liberdade** (1907),p.04.Órgão patrocinado por João Pinto da Silva.

²⁸ Distribuição das atividades comerciais no ano de 1900. Alfaiatarias 10, Agências 2, Armeiros 1, Barbearias 15, Casa de Jóias 1, Casa de Modas 1, Chapelaria 1, Colchoaria 1, Confeitaria 1, Escritórios 2, Farmácias 4, Ferragens 5, Fotógrafo 1, Hotéis e Botequins 8, Livraria 1, Lojas de tecidos 7, Ourives 2, Padarias 7, Relojoaria 2, Sapataria 10, Comércio de Campanha 16. (MARTINS, 2001,p.255.)

Em de 1900, o estado do Rio Grande do Sul contava com aproximadamente um milhão cento e quarenta e nove mil habitantes, dessa parcela 584 mil eram homens e 564 mil mulheres. As profissões que tinham maior concentração de trabalhadores eram as indústrias agrícola, pastoril, extrativa e manufatureira (CENSO FEE, 1981, p.106). Já em Jaguarão às atividades econômicas que obtiveram destaque foram a extração do solo, agricultura, pecuária, serviços, comércio bem como atividades relacionadas a carne suína e bovina e algumas fábricas²⁹. Existiam também, sapatarias, açougues, barbearias, ferragens, confeitarias, dentistas, consultórios médicos entre outras atividades. Essas atividades econômicas surgiram em um ambiente de trabalho³⁰ que passava por diversas transformações. As atividades comerciais tiveram destaque desde a vila militar pela localização fronteiriça do município³¹. Desta forma, formou-se um eixo comercial em pontos estratégicos da cidade como a praça do desembarque, rua do comércio e o mercado público.

Na virada do século XX a cidade ainda não contava com luz elétrica, apenas em 1901 foi instalada uma companhia de luz e em 1903 chegaram os telégrafos (VERGARA, 2019, p.23). A Sociedade Anônima Luz Elétrica Jaguareense passou a fornecer energia para a cidade no início do século por meio de um contrato firmado em 1900 e nele o governo municipal concedia por trinta anos ao Sr. Apolinário José dos Santos o fornecimento de luz elétrica (MARTINS, 2001, p. 252).

A operação censitária realizada em 1900 mostra a cidade de Jaguarão com 12 mil 521 habitantes e em 1920 a cidade alcança 14 mil habitantes distribuídos entre as áreas rural e urbana (CENSO FEE, 1981, p.127). Os trabalhadores vinculados a um ofício eram eletricitistas, pedreiros, agricultores, professores públicos e privados, militares, advogados, fiscais, escrivão, alfaiates, funileiros, ajudantes e diversos.³².Havia uma grande parcela dos trabalhadores que estavam na categoria “diversos” e eram aqueles considerados por conta própria, sem vínculo empregatício, e que, sem opção, vendiam a força de trabalho para garantir o sustento de suas famílias (VERGARA, 2019, p.25).

Os trabalhos na administração pública³³ eram formados pela intendência municipal, secretários, conselheiros municipais, porteiros, inspetores de mercado, inspetores da cadeia, comandante das guardas municipais, sub-intendentes dos distritos, juiz de direito, juiz distrital, promotor, procurador da fazenda do estado, fiscais do contrabando, agentes do correios e do telégrafo³⁴.

²⁹ Distribuição das atividades industriais no ano de 1900. Armadores 3, Correrias 4, Curtumes 2, Fábrica de massas 1, Fábrica de sabão e velas 2, Fábrica de veículos 4, Ferraria e carpintaria 12, Funilaria 4, Marcenaria 4, Marmorista 1, Tamancarias 6 e Tipografias 3. (MARTINS, 2001,p.257.)

³⁰ **Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940,p.58.**

³¹ A falta de estradas de rodagem ou de ferro, reduzia as comunicações ao transporte por água. Desta forma a cidade

que possuía o privilégio de localizar-se às margens de um rio ou lagoa, com boas conexões com a capital e as regiões mais prósperas, apresentava mais possibilidades de desenvolvimento. (MARTINS, 2001, p.41)

³² **Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940,p.58.**

³³ **Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940,p.56.**

³⁴ **Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940,p.57.**

Um aspecto fundamental desse desenvolvimento é a falta de inclusão e projeto para a classe operária que vivia sem folgas, recebendo de acordo com o patrão e sob controle patronal. Não existiam leis de proteção aos trabalhadores que, organizados, produziam diversas manifestações de insatisfação. Um desses tensionamentos era a pressão para os comerciantes tornarem facultativo o dia de domingo fornecendo um dia de descanso, em cada semana³⁵.

Havia também críticas por parte dos comerciantes ao sistema econômico e político. No texto intitulado a “Crise” sobram argumentos contrários ao modelo de dependência econômica que privilegia poucos charqueadores e deixava de desenvolver a agricultura local estimulando a dependência econômica dos batalhões militares para a sobrevivência do comércio e das produções do litoral e contrabando da Banda Oriental para obtenção de mercadorias³⁶.

[...] Sem commercio, principalmente o de varejo de secos e molhados excessivamente numeroso para uma tal pruçã, e ipso facto, gyaudo com pequenos capitães, c.'credito limitado, vê-se seriamente embaraçado quando ha falta de numerário, como ora acontece e os grandes capitalistas, impiedosos para com o pequeno commercio preso á ellos pelas razões acima e outras, ameaçaõ extinguil o de todo³⁷.

Para Sérgio da Costa Franco (2001) a economia da região sul variou em função da estabilidade política do Prata. No século XIX a região passou por agitações em decorrência dos processos de independência e guerra civil no Uruguai fazendo com que os conflitos que dividiram e desorganizaram a Banda Oriental possibilitassem um crescimento econômico para os charqueadores e produtores pecuários de Jaguarão e da região. Esse modelo gerou um crescimento econômico e fez com que as elites acumulassem ainda mais capital e influência.

Na tentativa de se colocar no poder para exercer influência, o Partido Republicano Rio Grandense em Jaguarão³⁸ (PRR), foi palco de duas facções distintas no município. De um lado Carlos Barbosa, médico, que já havia sido eleito vereador, deputado constituinte e mantinha uma estreita relação com o presidente do estado Borges de Medeiros e com o castilhismo. Do outro, Zeferino Lopes de Moura, um homem sem instrução superior, grande fazendeiro e charqueador de Erval com interesses em Jaguarão que durante a guerra federalista de 1893 comandou um corpo provisório. Zeferino assim como Carlos Barbosa eram entusiastas da República, os dois “coronéis” da política levaram o conflito durante décadas, deixando cicatrizes fortes no convívio social jaguarense.

É possível constatar a pluralidade na formação da classe operária jaguarense observando a diversidade na composição dos trabalhadores no início do século XX. No entanto, por muitas décadas a historiografia da classe operária na primeira república reproduziu a ideia de uma composição da classe operária formada por trabalhadores homens, imigrantes, brancos e europeus

³⁵ Jornal: **O Trabalho**, (1905),p.03 Órgão do clube Instrução e Recreio.

³⁶ Jornal: **O Trabalho**, (1905),p.03 Órgão do clube Instrução e Recreio.

³⁷ Jornal: **O Trabalho**, (1905),p.03 Órgão do clube Instrução e Recreio.

³⁸ O PRR foi fundado em 1882 sendo seu primeiro presidente Carlos Barbosa Gonçalves.

que atuavam no serviço fabril. Essa percepção é genérica, pois mesmo nos estados do sudeste e sul do Brasil onde houve os maiores fluxos de imigração havia significativa participação de pretos, pardos, caboclos e mulheres entre a classe operária, como demonstra Beatriz Loner (2001) para as cidades de Rio Grande e Pelotas.

Silvia Petersen (2001) também argumenta que a formação da classe operária não pode ser atribuída apenas ao surgimento da indústria e da mão de obra assalariada-livre, pois considerar apenas esses dois processos, deixa de levar em conta que a existência de trabalhadores fabris em si, não assegura a existência de uma classe trabalhadora. Para a autora é preciso, para a formulação de uma classe, um processo cujos resultados podem ser identificados na medida em que as concepções, ações e instruções coletivas tornam-se realidade.

Durante esse primeiro capítulo busquei elencar a importância histórica e geográfica do município de Jaguarão, o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico no final do século XIX e início do século XX. Esses aspectos foram apresentados diante de uma breve síntese do processo de abolição da escravatura e da resistência e organização dos trabalhos negros. Outro aspecto que procurei contextualizar foi a conjuntura histórica da formação da classe operária levando em conta o retrospecto histórico das relações de trabalho, e a composição do operariado jaguarense. No segundo capítulo busco trabalhar as experiências organizativas e a criação de uma identidade da classe operária a partir dessas experiências

2. As sociedades de socorro mútuo

Uma das formas de se organizar na primeira república e conseguir estabelecer redes de sociabilidade era fazer parte de uma associação. Nesses espaços era possível traçar estratégias para alcançar direitos sociais, políticos, conquistar representatividade e trocar informações (BATALHA, 2000, p.18). Com o advento da República em 1889, houve uma expectativa de uma

nova era de direitos políticos e sociais. À medida que o regime se mostrou incapaz de atender os anseios da classe operária, os setores sociais organizados passaram a utilizar estratégias para alcançar sua cidadania e seus direitos. Cláudio Batalha (2000, p.11) argumenta que:

[...] No caso de doença, invalidez ou desemprego, o trabalhador que não constasse com um fundo beneficente da empresa, ou que não contribuísse por sua própria iniciativa para alguma forma de sociedade que fornecesse auxílios, via-se inteiramente desassistido e tinha sua sobrevivência ameaçada em virtude da ausência completa de políticas sociais.

No Rio Grande do Sul, a exemplo dos demais estados, a formação da classe operária se dava em uma conjuntura de negativa do estado em oferecer políticas públicas que fornecessem aos trabalhadores acesso à assistência médica, educacional, condições de trabalho dignas e qualificação³⁹. Adhemar Silva Jr (2008) argumenta que as sociedades de socorro mútuo foram as primeiras organizações que congregavam pessoas de diferentes classes, etnias ou profissão com objetivo de assegurar aos seus sócios auxílio-doença, enterro, atendimento médico e remédios.

Existiam no Rio Grande do Sul, em 1882, 33 sociedades mutualistas,⁴⁰ chegando a 149 em 1942. Estas sociedades prestavam auxílios em um contexto em que não havia políticas públicas direcionadas à classe trabalhadora pelo estado. As estruturas sociais da República mantiveram-se como no Império, excluindo a classe trabalhadora de um projeto de emancipação social e integração. De acordo com Silvia Petersen (1997) as sociedades mutuais foram as primeiras sociedades formada por operários com um sentido de defesa mútua e teve um importante desempenho entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX (PETERSEN, 1997, pg.36).

É possível identificar as diferenças das sociedades mutualistas e beneficentes pelo modelo de atuação e composição⁴¹. Existiam sociedades organizadas a partir de empresas, órgãos públicos, categorias profissionais, etnias, entidades representativas de bairro e diferentes tipos. A maioria dessas sociedades formaram-se durante as duas primeiras décadas da primeira República e, em geral, tiveram uma importante atuação entre a classe trabalhadora. As nacionais e étnicas congregavam os membros daquela etnia, nacionalidade ou descendentes. Essas sociedades tinham além do objetivo mutualista a tentativa de criar uma representação desses indivíduos na vida social

³⁹ Em relação às condições desfavoráveis e dos elementos de divisão e diferenciação da classe operária, a primeira república permanece como momento extraordinário de mobilização coletiva e articulação de classe. No entanto, as ações coletivas e organizadas atingiram apenas uma minoria de trabalhadores por diversos motivos, como, por exemplo, o fato de 80% da população viver no campo.

⁴⁰ As sociedades mutualistas mantinham suas atividades através de um sistema de quantização interna, promoção de bailes e quermesses para arrecadar fundos.

⁴¹ As sociedades formadas por funcionários tinham um caráter diferenciado das sociedades formadas por patrões. As sociedades patronais buscavam promover uma boa imagem da empresa em um contexto de dificuldades socioeconômicas diante da distribuição de impostos (SILVA JR, 2004, p.17).

e política da cidade. Segundo Loner (1999), a discriminação racial e social existente no início da primeira república reduzia a capacidades dos indivíduos e do seus grupos étnicos ascenderem socialmente e integrar plenamente a sociedade. Desta forma, essa sociedade ajudava a integrá-los no seu grupo social, sinalizando para aquela sociedade sua existência organizada.

Os socorros dessas sociedades podem ser classificados em algumas categorias. A assistência à saúde: com a finalidade de fornecer socorro para o pagamento e assistência de médicos, dentistas, parteiras, equipamentos de cirurgia, medicamentos, internação hospitalar e auxílio em caso de doença. A assistência jurídica: que fornecia socorro para a consultas a advogados, pagamento ou descontos e diária por prisão em função de dias de trabalho perdidos. Os socorros pecuniários unificaram uma série de outras demandas como: pagamento de diárias, pensões em caso de morte, incapacidade, empréstimos e fiança. A assistência ao ensino: era o auxílio para aulas em escolas, pagamento em estabelecimentos de ensino e construção de bibliotecas.

Nessas sociedades havia disputas pela formação identitária da classe operária. Com o advento da República e o avanço industrial no estado houve um vertiginoso crescimento das lutas trabalhistas e por direitos sociais. As sociedades mutualista estavam no centro desse debate, uma vez que agrupavam trabalhadores de diversas tendências que ali se organizavam através do socorro e do assistencialismo. Para Adhemar da Silva Jr (2004, p.32-33):

Outro dos efeitos do interesse no caráter “mútuo” da ação das associações é o foco no tema em busca dos meios de expressão, criação ou reprodução de identidades sociais. Enquanto isso parece ser mais evidente em estudos sobre o Mutualismo de grupos étnicos, o mutualismo de grupos de trabalhadores também é focalizado como instância de construção de identidade. Com isso, haveria motivos para supor, pelo menos no Brasil, que a organização em sociedades de socorros mútuos – fossem elas de grupos étnicos ou de trabalhadores – deveria ser abordada principalmente, por um lado, em função de seus efeitos na identidade e, por outro, como expressão de identidades em construção.

Dentro dessas das sociedades mutualistas também é possível identificar o funcionamento de subdivisões de entidades que variavam de acordo com sua atuação. Algumas sociedades tinham grupos de teatro, bandas, time de futebol, jogos de salão, cordão carnavalesco entre outros subgrupos que se organizavam internamente. As associações da classe operária na primeira República conviviam com a política liberal e positivista que, enquanto omitia o debate para a solução de problemas relacionados ao amparo na velhice ou doença, estava sempre presente como agente repressivo das práticas organizativas dos trabalhadores que se pautavam pela luta de classes. Devido a esses aspectos, as associações eram muito frágeis e frequentemente se fechavam para renascer em momentos de maior mobilização. Para identificar o caráter dessas sociedades é necessário verificar sua composição social e posicionamentos.

Em Pelotas e Rio Grande as entidades mais importantes de caráter classista sofreram, segundo Loner (1999), o peso da marginalização e repressão do estado. As formas associativas encontradas pelos operários para representação de seus interesses variam na primeira República. Ao longo desse período algumas dessas associações vão assumindo uma feição sindical. Como já mencionado, poucas associações conseguiram se manter durante o período republicano devido às inúmeras dificuldades e repressão a qual estavam condicionadas. As cidades de Pelotas e Rio Grande foram a parte mais organizada do movimento operário no estado, ao lado de Porto Alegre. Os representantes dessas cidades estiveram em congressos da classe em nível regional e nacional, onde tiveram atuações expressivas. Existem inúmeras demonstrações da sintonia dos movimentos dessa região com os nacionais e até mesmo internacionais, efetuado através do intercâmbio com os países da região do Prata. Para Loner, 1999, p. 211)

[...]A trajetória operária na República Velha, tanto numa como noutra cidade, evidencia que estava em curso a construção de uma identidade ofensiva expressa pela sua afirmação, enquanto operários e trabalhadores, incentivada pelas organizações que conseguiram criar, pelas suas lutas, greves e mobilizações, pela consciência crescente do seu papel na sociedade.

Uma das formas de registro das organizações da classe operária são os jornais. A imprensa operária também era um espaço de aglutinação de militantes, difusão de ideologias e propaganda. Esses periódicos são uma importante fonte para entender o caráter ideológico dos agrupamentos de trabalhadores, pois diferente das sociedades que tinham diversas tendências circulando, os periódicos costumavam ter linhas editoriais bem definidas (LONER, 1999, p.168).

Em Jaguarão, a classe operária foi bastante influenciada pela igreja católica, pois mesmo com as mudanças perante o estado, a igreja continuava exercendo forte influência entre os operários através de suas ordens. De acordo com Astor Antônio Diehl a decadência entre as relações da igreja com o estado aconteceu após o decreto de 7 de janeiro de 1890⁴². Para Barreto (1995) essas mudanças passaram por dois momentos distintos que fez a instituição perder lentamente sua intimidade com o poder⁴³. Nesse contexto outras correntes vão ganhar força nas elites brasileiras como a maçonaria, espiritismo e o positivismo⁴⁴. Esse fato fez com que na Constituição de 1891⁴⁵ houvesse a diminuição dos privilégios da Igreja. No entanto, para Álvaro

⁴² Em 19 de março de 1890 em decorrência do decreto foi publicada a primeira pastoral da república oficializando a obrigatoriedade do casamento civil antes do religioso, tornado laico os cemitérios e proibindo o ensino religioso.

⁴³ A constituição de 1891 separou o estado da religião deixando o Brasil sem uma religião oficial. A república só reconheceria casamento civil e os cemitérios passaram para administração municipal.

⁴⁴ Os republicanos gaúchos eram positivistas e, sob o comando de figuras como Júlio de Castilhos, o Rio Grande do Sul se tornou a principal região sob influência do positivismo no Brasil.

⁴⁵ A primeira Constituição da República inspirou-se no modelo norte americano, consagrando a República Federativa liberal do Brasil (FAUSTO, 2010, p.249).

Barreto (1995, p.20) “Se a divisa liberal Igreja livre no ‘Estado livre’ fê-la perder praticamente todos os seus direitos e privilégios, por outro lado livrou-a da contínua intervenção do Estado e abriu caminho para sua reforma interna”.

Nesse contexto, revendo sua atuação, a Igreja Católica buscou reforçar sua participação em associações e espaços beneficentes. Embora muitas das vezes essas associações não estivessem diretamente ligadas à Igreja Católica, existia uma forte atuação por meio de suas ordens religiosas nesses espaços. Um dos objetivos almejados era a formação de um operariado católico que estivesse longe de más influências⁴⁶ e exercendo trabalhos vinculados à Igreja (LONER,1999, p.161). Na cidade, desde o início do século XX, houve a atuação da ordem religiosa premonstratense. Segundo Diehl (1990) a ordem era parte de um projeto que via a necessidade de fortalecer o clero recentemente formado. Para isso, foi enviado para o Brasil um enorme contingente de padres e freiras com a intenção de aumentar a capacidade de atuação da Igreja e formar colégios, obras de caridade, assistência social e ações sociais (DIEHL, 1990, p.27). A ordem premonstratense chegou ao Brasil em dezembro de 1886 vindo da Abadia de Averbode, localizada na Bélgica. As atividades tiveram início no estado de São Paulo, posteriormente se expandindo pelo território nacional (VERGARA, 2019, p.28). As atribuições eram dar aulas para alguns meninos e participar de celebrações nas capelas dos arredores. Em dezembro de 1900 foi designado o deslocamento dos cônegos Rafael Goris, Estevão Baeyens e Paulo Aergeets até Jaguarão e, em 1901, abriram um colégio que recebeu o nome de Espírito Santo (CHANTRAIN, 2006, p. 28-46).

⁴⁶ Essa influência buscava preservar os operários do contato com ideologias nocivas e integrá-los à nova sociedade de classe através do conformismo e do assistencialismo.

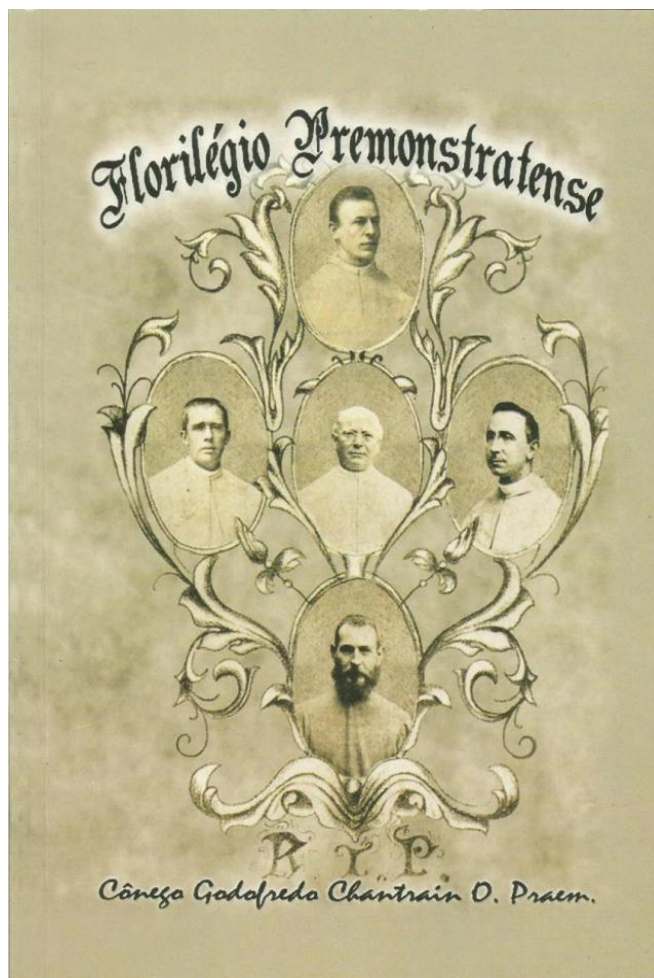


Imagem 2: Contracapa do livro "Florilégio premonstratense: Biografias de alguns premonstratenses que atuaram no Brasil de 1896 a 2006"

Os motivos da atuação da ordem premonstratense no Brasil eram atender às necessidades das pessoas mais humildes e reconstruir o prestígio social da igreja abalada pelas mudanças sociais das últimas décadas. Para isso a igreja, através dessa ordem, passou a utilizar novas estratégias e disputar o terreno em um contexto de mudanças como a urbanização, a industrialização e a nova ordem liberal científicista. Segundo Patrícia Lima (VERGARA, 2019, p.31), na cidade de Jaguarão, o colégio Espírito Santo após iniciar seus trabalhos, demandou uma estrutura física maior e o envolvimento de mais pessoas para seu funcionamento:

O colégio deu início a seu trabalho contando com a participação de 80 alunos. Cresceu rapidamente, e com isso a necessidade de se estabelecer em um lugar maior, e também de novos missionários. Mais cônegos foram nomeados por Don Gumaro para trabalhar no Brasil: Tomás Schoenaars, o principal colaborador da Arquiconfraria; Godofredo Evers, um dos superiores da abadia; Ambrosio Adriaansen, e Tiago Sempels, este foi ordenado presbítero aqui no Brasil em 1902. Embarcaram para o Brasil em 28 de fevereiro e em 28 de março de 1901 chegaram a São Paulo, onde ficaram algumas semanas.

O cônego Godofredo Evers⁴⁷ Chegou em Jaguarão no ano de 1904 para substituir Tiago Schoenaers e Rafael Goris que entravam em férias (VERGARA,2019,p.32). Após sua passagem provisória retornou a cidade no ano de 1910, momento em que passou a atuar ativamente entre os operários da cidade. Em Jaguarão essa ordem desempenhou um papel fundamental na formação do colégio Espírito Santo e também na Sociedade Operária Jaguareense (S.O.J) como veremos a seguir. A “Ordem Premonstratense retirou-se da cidade em 1914 levando todos os Cônegos, porém, a S.O.J continuou a existir e a implementar suas práticas sociais e políticas em prol da classe operária (VERGARA, 2019, p.46).

⁴⁷ O Godofredo Evers mantinha relações **estreitas** com os trabalhadores da cidade que encontravam suporte em associações que tinham algum tipo de auxílio. O cônego vai ter um conflito na imprensa operária com o militante Antônio Guedes Coutinho que será abordado no próximo capítulo.

2.2 As experiências da Sociedade Operária Jaguareense (SOJ) e da Sociedade União Operária (SUO) em Jaguarão na segunda década do século XX.

A cidade Jaguarão, assim como outras do Brasil republicano, não contava com nenhum tipo de assistência aos seus trabalhadores. A Sociedade Operária Jaraguaense incorporou uma série de demandas da classe operária visando assisti-la em caso de doença, morte e também auxiliando em projetos vinculados à educação, cultura e lazer. O papel assistencialista da entidade aproxima-se na definição e caracterização feita por Adhemar da Silva Jr (2004) das entidades mutualistas que exerciam um papel assistencialista com uma composição formada por indivíduos ligados a diversos ofícios⁴⁸ (SILVA JR., 2004, p. 116).

Entre os fundadores da S.O.J estava o cônego Godofredo Evers que teve os títulos de orador oficial e presidente de honra concedidos pelos membros da sociedade⁴⁹. Em dezembro de 1911, reunidos no colégio Espírito Santo, a entidade através de uma comissão provisória realizou a inscrição e eleição das chapas que iriam compor as diretorias e presidência no ano de 1912. É possível constatar que a ordem premonstratense em Jaguarão desenvolveu um trabalho social forte, preocupando-se constantemente com a população vulnerável e com os operários (CHANTRAIN, 2006, p. 115). Após a saída da ordem da cidade⁵⁰, a Igreja Católica se manteve presente na S.O.J através de suas lideranças locais. Essa presença é constantemente reforçada com a intenção de oferecer aos operários auxílio moral e espiritual (VERGARA, 2019, p.46).

Em reunião no dia 29 de janeiro de 1912, o cônego Godofredo Evers manifestou que a preocupação da S.O.J com o operariado não era apenas com o carnal, era também com o espiritual⁵¹:

[...] não só deveriam cuidar do operariado físico, moral e socialmente, mas também espiritualmente não esquecendo-nos do operário depois de sua morte não teríamos modo mais proveitoso para o sócio subtraído desta terra, do que mandando celebrar uma missa pelo eterno descanso de sua alma.

No processo de criação da S.O.J as reuniões aconteciam na casa dos membros e no colégio, as primeiras sessões foram em um sala colégio no Espírito Santo e na casa de um dos sócios chamado Ramiro Afonso. Em maio de 1912 os membros da entidade acertaram a locação de um espaço para sede S.O.J:

O Sr. presidente abriu a sessão e declarou que seu fim era tratar-se do aluguel de uma casa onde pudesse ser a sede da Sociedade. Disse ainda que a necessidade era urgente, pelo motivo de não poder funcionar a aula de música no Ginásio Espírito Santo e expôs

⁴⁸ As sociedades mutualistas poderiam ter diferentes de sócios, podendo existir sócios com designações diferentes.

⁴⁹ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.01-02. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁵⁰ Em 1914 a ordem premonstratense deixou a cidade de Jaguarão.

⁵¹ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.05. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

outros motivos, pelos quais, havia realmente urgência necessidade de conseguir-se um lugar, onde os operários pudessem reunir-se aos domingos e mesmo todas as noites. A Diretoria esteve em pleno acordo com o Sr. Presidente e decidiu-se alugar o prédio na rua General Deodoro esquina com a General Marques, para funcionar a aula de música, estabelecer a sala de leitura e finalmente se desenvolver todos os divertimentos ao alcance da Sociedade.⁵²

Posteriormente, em sessão extraordinária no dia 1 de outubro de 1912, os membros da entidade firmaram compromisso com a compra de um imóvel na rua 20 de Setembro (VERGARA, 2019, p.38-39). Segundo consta em ata, “A comissão autorizada pela diretoria foi a casa do Sr. Hermenegildo Corrêa, e ficou resolvido que ele venderia a casa na rua 20 de setembro por 12,000\$000, e daria 8,000\$000 para as necessárias reformas”⁵³. A S.O.J assumiu a responsabilidade de repassar 5% de sua receita mensal conforme sua situação financeira para fazer o pagamento final da dívida. O Sr. Hermenegildo Corrêa foi nomeado pela diretoria da entidade como sócio Benevolente-Benfeitor e fundador da Sociedade Operária Jaguarense⁵⁴ (VERGARA, 2019, p.39).

Durante as sessões realizadas quinzenalmente e de forma extraordinária, quando solicitado pela diretoria ou presidência, havia a apresentação de novos sócios (VERGARA, 2019, p.38). A apresentação era votada de forma secreta pela direção e presidência e a indicação deveria partir de um sócio da entidade. O ingresso de novos membros era fundamental para a manutenção das sociedades mutualistas, pois segundo Adhemar da Silva Jr (2004, p.103-104): "Para a constituição de sociedades de socorros mútuos, o bom senso nos leva a crer que, para que elas existam, é preciso que seus fundadores estejam, pelo menos num primeiro momento, fisicamente juntos; e para que prosperem, é preciso que novos membros se agreguem”.

A troca de presidentes era feita anualmente e, nas reuniões em geral, era tratado da administração do dinheiro, condutas dos sócios, desenvolvimento de atividades, projetos da sociedade, caixa de socorro mútuo, organização de celebrações e socorro aos operários (VERGARA, 2019, p.43).

A S.O.J como outras sociedades mutualistas, dedicava-se à construção de um espaço de instrução. Em reunião no dia 12 de fevereiro de 1912, o presidente e a diretoria começaram a tratar das aulas, criando uma comissão encarregada de conversar com o diretor do ginásio Espírito Santo sobre as matrículas e as condições para efetivar a proposta de aulas noturnas. Não podendo, na data proposta, a comissão estar presente, o cônego Godofredo Evers e o secretário José Rodrigues entraram em contato com o reitor do colégio recebendo a seguinte resposta “o reitor do ginásio

⁵² Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.46-47. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁵³ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.01-02. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁵⁴ As rasuras no documento dificultam a compreensão para a transcrição. Sabe-se que o sócio contribui com uma venda abaixo do valor de mercado e pagando por si os gastos de escrituração. Além de ser reconhecido como sócio benfeitor, o Sr. Hermenegildo Corrêa recebeu um retrato de honra na sede da S.O.J.

ofereceu gratuitamente a S.O.J as salas com classes e o'que mais precisassem para o funcionamento das aulas noturnas.”⁵⁵. Em março de 1912, em sessão solene, inauguraram-se as aulas noturnas da S.O.J.⁵⁶. Após o início da sessão, o cônego Godofredo Evers tomou a palavra e mencionou o constante progresso da S.O.J, que dia a dia ganhava espaço entre os operários trazendo grandes benefícios à classe operária com as aulas noturnas. Mais tarde, por meio de solicitação dos sócios, a S.O.J passou a ampliar as vagas para os irmãos menores dos sócios, desde que não tivessem renda acima dos 2\$000. As aulas eram ministradas pelos padres Antônio Sempels, Estevão Bayens, Ricardo Bosschans e Víctor Cornellissens (VERGARA, 2019, p.45).

Segundo Caiuá Al-Alam (2018) na década de 1910 houve por parte do movimento operário a articulação de cursos para letramento:

“como o caso do que era mantido pela Sociedade Operária Jaguareense, instituição com forte influência do catolicismo. No jornal que pertencia à Sociedade, observa-se em 1913 que o curso noturno focava no estudo da língua vernácula, a aritmética e de outras disciplinas. Queixavam-se os redatores que poderia ser maior o número de alunos e também do grande número de analfabetos no país.” (AL-ALAM, 2018,p.31.”

Dentro das sociedades mutualistas também é possível identificar o funcionamento de subgrupos de entidades que variavam de acordo com sua atuação. Algumas sociedades mutualistas, como já mencionado, mantinham grupos de teatro, bandas, time de futebol, jogos de salão, cordão carnavalesco entre outros que se organizam internamente. Essas características aparecem na S.O.J e vão se manifestando à medida que a entidade vai se desenvolvendo.

A S.O.J buscou trabalhar pela construção de espaços de lazer e divertimento, isso está presente nos debates da entidade. Em reunião no dia 10 de março de 1912 um dos secretários chamou a atenção da diretoria para o número elevado de jovens ociosos de divertimentos e propôs a elaboração de um espaço para jogos⁵⁷. A diretoria aceitou a proposta e o presidente solicitou ao tesoureiro que disponibilizasse os apetrechos necessários para a formação do Sport Clube da Sociedade Operária Jaguareense. No campo das artes a S.O.J criou uma comissão para a criação de um centro dramático e adquiriu um aparelho cinematográfico para exibir alguns curtas-metragens de comédia e drama⁵⁸. Além do esporte e da arte, a S.O.J também tinha aulas de música e uma biblioteca⁵⁹. Essas ações evidenciam uma característica importante da entidade que durante

⁵⁵ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.09. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁵⁶ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.11. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁵⁷ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.13. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁵⁸ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.13. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁵⁹ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.19. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

seus anos de funcionamento buscou oferecer diversas opções de lazer aos seus associados (VERGARA, 2019, p.45).

A intervenção das sociedades mutualistas nas relações do mundo trabalho é outro aspecto que expõe a complexidade dessas entidades, apesar das sociedades mutualistas como a S.O.J muitas vezes possuírem vínculos com o projeto de evangelização da igreja católica e de combate ao socialismo, em diversos momentos ela vai intervir nas relações de trabalho em favor dos operários. No dia 4 de maio de 1912, o diretor João Martins fez chegar ao conhecimento da diretoria que havia na cidade o Sr. Francisco Mancini vindo de Rio Grande contratado por um engenheiro⁶⁰ pelo preço de 8\$000 para prestação de serviço, porém ao chegar à cidade o contratante queria lhe pagar 3\$000. O Sr. Francisco Mancini recorreu a S.O.J que lhe respondeu que não poderiam intervir, pois não se tratava de um membro da sociedade, no entanto como se tratava de um trabalhador iria ser fornecido socorro mediante a apresentação de contrato para que esse pudesse ter um local para se hospedar, alimentar-se e comprar a passagem que garantisse o retorno para seu lar na cidade de Rio Grande.

As sociedades de socorro mútuo distinguiam-se de acordo com sua finalidade. Nesses espaços criou-se a possibilidade de discussão de questões trabalhistas. Segundo Cláudio Batalha (2008) as sociedades mutualistas se dedicavam à educação, à cultura, lazer e a criação de espaços organizativos para classe ou etnia. Esses espaços de socialização, troca de ideias tornava-se um local para que os operários se enxergassem enquanto agentes do mundo do trabalho, pois tinham oportunidade de crescimento profissional, ideológico e inserção no mundo político (BATALHA, 2008, p. 180).

A S.O.J também prestava diversos tipos de socorro aos operários associados a ela. Uma forma de socorrer os sócios era através de auxílio no sepultamento, como é possível constatar na reunião realizada no dia 16 de fevereiro de 1913 onde um dos secretários relatou à diretoria o falecimento de um sócio, tendo a S.O.J prestado socorro para seu sepultamento⁶¹. Outro exemplo que vai se fazer bastante presente é o socorro médico obtido através de ajuda para o pagamento de despesas dos sócios feito através da caixa de socorro mútuo⁶². Os socorros deveriam ser prestados apenas para os sócios que mantivessem em dia o pagamento mensal⁶³ e, em alguns momentos havia o perdão ou amortização das dívidas dos sócios.⁶⁴

Segundo Adhemar da Silva Jr (2004) as sociedades mutualistas vão ter um papel fundamental na atuação do campo da saúde, medicina e proteção social. Para o autor, é impossível

⁶⁰ Infelizmente o nome do contratante apresenta-se rasurado, sendo impossível visualizar de quem se trata.

⁶¹ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.64. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁶² Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.69. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁶³ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.91. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁶⁴ Não é explicado na Ata a justificativa para o perdão das dívidas. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão. Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.112. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

pensar a saúde do operariado nesse período sem mencionar o papel que desempenhavam as sociedades mutualistas (SILVA JR., 2004, p. 116).

A S.O.J tinha uma presença importante na comunidade negra da cidade⁶⁵. Um dos seus sócios fundadores e secretário foi Theodoro Rodrigues que também era sócio efetivo tendo participado de diversas comissões e secretarias ao longo de sua trajetória na S.O.J. Theodoro Rodrigues também foi diretor de artes e um dos fundadores do Clube Social 24 de Agosto. (VERGARA,2019, p.45). Esse clube, que teve sua primeira sede compartilhada com a S.O.J, surgiu em 1918 composto por um grupo de famílias negras, com intuito de ser um espaço de mobilização e ajuda mútua da classe trabalhadora negra que necessitava de espaços para socializar e articular suas ações visando oferecer letramento, aprendizado de ofícios, profissões e espaços para conferências (FRANCO,MENA, 2022, p.37). Assim,

[...]Os diretores do Clube, também assumiram cargos na Sociedade Operária como nas irmandades, principalmente na do Rosário, como foi o caso de uma das lideranças do processo de fundação do 24, o senhor Theodoro Rodrigues. Outro fato importante, é constatado quando observamos que a primeira sede do Clube 24 de Agosto, foi na Rua 20 de Setembro nº332, na beira do rio Jaguarão, num prédio dividido com a Sociedade Operária Jaguareense. (AL-ALAM, 2022, p.33-34)

A fundação do clube 24 de Agosto aconteceu dentro da sede da S.O.J, entre os fundadores estavam Theodoro Rodrigues mecânico e Malaquias Oliveira jornalista. Juntos os dois conversaram sobre a ideia de formar um clube para pessoas negras na cidade visto que os demais restringiam o acesso de pessoas negras. A ideia foi socializada com os amigos, Merc de Vargas sapateiro, João Pedro Faria motorista, Natalio Neison da Silva, Magno Dias, José Nunes de Oliveira e Ernesto Faria jornalistas. A ideia causou empolgação e na iminência da formação do clube prevaleceu a data 24 de Agosto (ESCOBAR, SILVA, 2012, p.55).

O cordão carnavalesco União da Classe vinculado ao Clube 24 de agosto recebeu enorme repercussão devido a participação das festividades da região (FRANCO, MENA, 2022, p.37). A participação no ritual de sociabilidade do carnaval era encarado com muita responsabilidade pela comunidade deste clube negro pois o carnaval era um importante momento para esses operários se exporem publicamente, evidenciando questões políticas como a pauta racial (ESCOBAR, AL-ALAM, FRANCISCO, 2018, p.74).

Segundo Juliana Nunes (2011), o Cordão Carnavalesco União da Classe pertenceu ao Clube Negro 24 de Agosto. A autora destaca que embora seja uma manifestação carnavalesca extinta na cidade de Jaguarão, o cordão foi de essencial importância por ter sido o “embrião”, das

⁶⁵ A comunidade negra de Jaguarão tinha íntima relação nos manejos de organização comunitária via Igreja Católica, constituindo desde o século XIX os núcleos que sustentavam as irmandades religiosas, como as de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Conceição, garantiam iniciativas importantes no que tange ao assistencialismo e auxílio mútuo (AL-ALAM, 2022, p.34).

práticas carnavalescas da atualidade - escolas de samba, blocos carnavalescos e até mesmo o frevo. Juliana aponta que o cordão revela ainda uma peculiaridade, pois não surge no carnaval de rua, mas sim dentro de um Clube, e nele irá se extinguir, sua importância para a comunidade afro-descendente de Jaguarão pode ser verificada, através das variadas faces da resistência negra no pós-abolição, em especial numa região de fronteira com o Uruguai e de como essa mesma comunidade vê o carnaval a partir dos desfiles do antigo festejo, sua música, a estrutura de organização, as fantasias e os adereços.

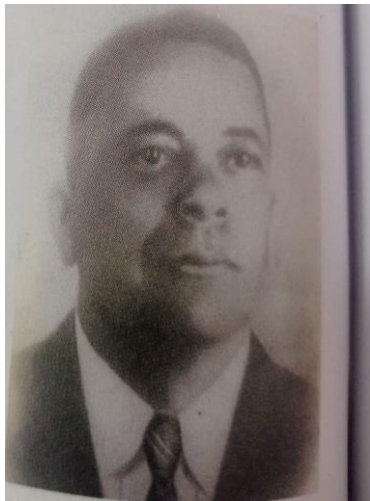


Imagem 3:

Theodoro Rodrigues

“1918-2018 Clube 24 de Agosto” (ESCOBAR, AL-ALAM, FRANCISCO, 2018, p.118)



Imagem 4:

Cordão União da Classe década de 1920

“1918-2018 Clube 24 de Agosto” (ESCOBAR, AL-ALAM, FRANCISCO, 2018, p. 89)

A organização do Clube 24 de Agosto e da S.O.J, demonstram a existência de uma classe trabalhadora organizada. Um aspecto interessante de ser destacado é a pluralidade de ideias que circulavam entre o operariado jaguarense. Havia, entre os operários, uma forte influência das ordens religiosas, irmandades, no entanto não era algo homogêneo existindo entre os operários identificação com outras correntes como positivismo, republicanismo, anarquismo e socialismo.

Em Rio Grande a mais importante sociedade operária do início da República foi a Sociedade União Operária, fundada em 1893 por um grupo de operários e artesãos que congregava uma parcela expressiva daquela sociedade. A União Operária contribuiu para a unificação do movimento operário e a manutenção de um viés classista para as representações operárias da cidade. A S.U.O. unificava internamente várias correntes de pensamento dos trabalhadores e em sua estrutura havia representação minoritária (LONER, 2016, p.124-125). Os objetivos dessa associação operária eram educacionais, beneficentes e de representação de classe e devido à possibilidade de representação minoritária é difícil apontar um predomínio ideológico à frente da

organização. A S.U.O tinha aproximadamente 900 a 1000 sócios no final do século XX. (LONER, 2016, p.126).

Em Jaguarão também tinha uma Sociedade União Operária (S.U.O.), a sua atuação ainda é difícil de compreender devido à ausência de fontes. No entanto é possível constatar em diversos momentos sua existência e atuação junto ao operariado. Segundo Benito Bisso Schmidt o militante socialista e um dos fundadores da S.U.O Antônio Guedes Coutinho residiu em Jaguarão durante os anos de 1911 e 1940. Após a saída de Coutinho de Rio Grande, o militante manteve suas relações com a União Operária. Em 1912 foi orador da sessão solene para o dia do trabalho e em 1915 informou a associação riograndina da eleição da nova diretoria da União Operária de Jaguarão tendo ele como presidente (SCHMIDT, 1996, p.203).

Outro registro que aponta a existência e atuação da União Operária em Jaguarão são as atas da S.O.J. Em reunião realizada no dia 02 de maio de 1912 o sócio Heitor Eugenio de Moraes declarou à diretoria um protesto. De acordo com o sócio, "tinha ele ouvido dizer que diretores consideravam como leva e traz da Sociedade Operária Jaguareense e Sport Clube Jaguareense que um grupo pretende fundar outra associação operária com tendências socialistas.". Heitor Eugenio de Moraes registrou em sua fala a insatisfação e indignação em relação às conversas dos operários⁶⁶. As menções à União Operária continuam e no dia 31 de Julho de 1912 o diretor Bernardo Gastellacoto apresentou uma queixa contra o diretor Plácido M. Lages que havia recebido um ofício como sócio da Sociedade União Operária. Em resposta à acusação, Plácido alegou que "sim, tinha recebido e não devolvia visto pensar que podia fazer parte em ambas sociedades.". O posicionamento do presidente sobre a acusação foi de que para os simples sócios poderiam ser tolerados à participação em outra entidade, no entanto não era aceitável que os diretores pertencessem a outra sociedade, principalmente se tratando de uma contrária aos seus princípios. Nesse contexto, Plácido M. Lages pediu demissão como diretor e sócio e afirmou que não iria fazer a devolução do ofício e que desejava pertencer a outra sociedade. Segundo consta em ata, diante da grosseira resposta do diretor a S.O.J. se manifestou favorável a sua expulsão.

É possível constatar que nesse processo houve a efetivação da sociedade União Operária em Jaguarão que, anteriormente, aparecia como uma proposta de associação e depois como uma entidade recentemente formada. O conflito evidencia que a S.O.J tinha um posicionamento de tolerância zero com relação a entidades que contrariasse seus princípios e modelo de atuação frente ao operariado. É possível pressupor que o caráter da Sociedade União Operária Jaguareense era semelhante a de Rio Grande com um viés classista e sob influência do socialismo e de outras correntes ideológicas de esquerda. O conflito envolvendo Plácido M Lages retornou em outros momentos, na mesma reunião após o sócio pedir sua saída a pressão dos membros o fez recuar

⁶⁶ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.13. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

alegando que devolveria o ofício e manteria seu vínculo com a S.O.J. No final da reunião o presidente Bernardo Gastellacoto disse que era necessário medidas emergenciais “porque os nossos inimigos tentavam tirar-nos sócios a todo transe, ficando a diretoria em expectativa de resolver a questão mais tarde”⁶⁷.

Em agosto de 1912 a União Operária Jaguareense encaminhou um ofício a S.O.J comunicando a diretoria eleita pela entidade⁶⁸. Ainda no mês de agosto um sócio e diretor da S.U.O solicitou participar da S.O.J. e para aceitar o sócio como membro, a entidade exigiu a saída da antiga associação⁶⁹. Apenas em 1917 a S.U.O volta ser citada diretamente nas atas da S.O.J, nesse contexto foi expedido um ofício através de sua secretaria comunicando a eleição de uma nova chapa no dia 1 de maio⁷⁰. No ano seguinte também foi expedido um ofício à S.O.J comunicando a eleição da S.U.O também realizada no primeiro de maio⁷¹.

Na imprensa o conflito entre as duas associações operárias se manifesta com maiores detalhes expondo as divergências com maior clareza entre as entidades. Esses conflitos vão ser travados principalmente através de duas figuras, o militante Antônio Guedes Coutinho e Cônego Godofredo Evers⁷². A restrição de fontes limita a capacidade de entender a atuação e composição da União Operária em Jaguarão e essa característica não se restringe apenas a ela, o movimento operário na cidade ainda é um espaço com diversas possibilidades de investigação.. Além da S.U.O e da S.O.J é possível constatar a existência de outras agremiações operárias como a Sociedade Operária⁷³ e Clube Jubilo Operário (1912). Além das agremiações operárias, existiam as entidades recreativas, carnavalescas, teatrais, étnicas, clubes de futebol e os jornais, o que evidencia a riqueza de possibilidades de pesquisa, entretanto, o recorte delimitado por essa pesquisa se restringe a análise principalmente da Sociedade Operária Jaguareense. Durante esse segundo capítulo busquei evidenciar um pouco do funcionamento das sociedades mutualistas e das duas sociedades operárias que estiveram em atividade na cidade. Não está dentro dos objetivos desta pesquisa caracterizar a Sociedade Operária Jaguareense e a Sociedade União Operária. Ao trazer as entidades busquei evidenciar as tendências que circulavam entre os operários que frequentavam esses espaços e os aspectos ideológicos que permeiam seu processo de formação. Via de regra durante o desenvolvimento do capítulo dei destaque a S.O.J em detrimento do vasto acervo de Atas e produções bibliográficas referente a entidade. Infelizmente não pude durante esse pequeno tempo de pesquisa mapear as ações da União Operária em Jaguarão. Dos vestígios

⁶⁷ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.32,33. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão..

⁶⁸ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.36,37. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁶⁹ Livro de Atas da S.O.J, 1912, p.38. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁷⁰ Livro de Atas da S.O.J, 1917, p.135. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁷¹ Livro de Atas da S.O.J, 1918, p.179. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁷² Evidenciar essa divergências e embates é o objetivo do próximo capítulo.

⁷³ Periódico de Ação Social (RJ), 1919.

encontrados da entidade uma parcela significativa está nas Atas da S.O.J, em alguns periódicos e por vezes atrelada à imagem de Coutinho como veremos adiante.

3.0 O Cônego Godofredo Evers e o militante socialista Antônio Guedes Coutinho em Jaguarão

Antônio Guedes Coutinho nasceu na província de Trás-os-Montes Portugal em 1868, tendo vindo para o Rio Grande do Sul na sua juventude. Em sua trajetória no estado participou ativamente da construção do movimento operário nas cidades de Rio Grande, Pelotas e Jaguarão (SCHMIDT, 2000, p.47). Coutinho desembarcou em Pelotas em 1880, onde passou a viver da sua profissão alfaiate. Na cidade também iniciou sua militância sob influência dos socialistas que atuavam na Liga Operária Local (SCHMIDT, 1996, p.54). Em 1893 transferiu-se para Rio Grande para trabalhar como tecelão na indústria de tecidos Rheingantz⁷⁴. A empresa era uma das maiores indústrias de tecido do estado e estava inserida em um contexto de emergência da ordem industrial, com uma organização fabril ainda incompleta e incipiente (SCHMIDT, 2000, p.48).

Coutinho também exerceu o magistério e o jornalismo⁷⁵ e, como professor, ministrava aulas particulares e no colégio mantido pela Sociedade União Operária (S.U.O). Segundo Benito (2000) sua atuação como professor na S.U.O não era vista apenas como um emprego, mas como uma missão de caráter político e uma arma de luta contra o capitalismo. Para o militante, "a escola deveria educar livre dos preconceitos estúpidos e absurdos do respeito ao capital, preconizados tão habilmente nos livros adotados nas escolas públicas por ordem dos governos burgueses." (SCHMIDT, 2000, p.56)⁷⁶. Em 1905, Coutinho desligou-se do magistério da S.U.O para assumir uma vaga no ensino público. Na rede atuou nas cidades de Rio Grande e na vila de São José do Norte, tendo vindo para Jaguarão em 1911 juntamente com sua companheira. (SCHMIDT, 2000, p.57). O magistério foi o emprego mais duradouro de sua vida, vindo a se aposentar no cargo.

Como jornalista foi chefe redator do *A Razão* (1895); redator e proprietário do *Echo Operário*. (1896-1901); colaborador do *O Operário* de Pelotas (1892); *O Operário* de Rio Grande (1893 e 1895); *O Artista* (1900-1908), *Democracia Social* (1893), *A Regeneração* (1901), *O Diabo* (1905), *O Proletário* (1906), *O Tempo* (1907), *Diário do Rio Grande* (1909), *Rebate* (1921-1922), entre outros. Sua atuação como jornalista esteve associada diretamente com sua

⁷⁴ As fábricas Rheingantz foram pioneiras na criação de um sistema social para seus funcionários, havia por iniciativa dela a manutenção de uma sociedade de socorro mútuo, um armazém cooperativo, escola de instrução primária para os filhos dos operários, montepio, biblioteca, assistência médica, banda de música, moradia e atividades esportivas.

⁷⁵ Antônio Guedes Coutinho aparece como instrutor particular. Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940, p.3985.

⁷⁶ Contudo, segundo Benito Schmidt (2000), mesmo esta visão de ensino sendo progressista para época, os colégios da Sociedade União Operária mantinham diversas práticas pedagógicas tradicionais como o controle do tempo e da movimentação dos alunos que era rigoroso. Utilizavam-se também de métodos punitivos e a separação de meninos e meninas permaneceu até o fim da primeira República. (SCHMIDT, 2000, p.56)

militância, e na maior parte das vezes esses espaços necessitavam do seu auxílio financeiro para se manter em funcionamento (SCHMIDT, 2000, p.57).

No movimento operário o personagem teve uma intensa atuação, participando da fundação da União Operária (1894), e do Partido Socialista de Rio Grande (1898)⁷⁷. Segundo Sílvia Petersen (2001), o militante destacou-se na produção teórica pois, *O catecismo socialista*, obra de sua autoria com um caráter pedagógico, foi publicada em 1898 no *Echo Operário* e foi uma das primeiras obras de teoria socialista produzida no estado. No *O catecismo socialista* Coutinho citou uma variedade de autores que influenciaram seu pensamento compreendendo socialistas italianos, franceses, alemães, anarquistas e expoentes da antropologia criminal⁷⁸. Na obra, são apresentadas as suas ideias sobre a organização das sociedades socialistas. Para o militante uma sociedade socialista “passava por um modelo federativo tendo como parâmetro a estrutura das associações operárias e a coletivização da propriedade que passaria a ser administrada por representantes eleitos pelo sufrágio livre e voluntário” (SCHMIDT, 2000, p.54). Para Batalha (1995), *O catecismo socialista* foi uma das raríssimas descrições feitas por um socialista brasileiro da organização da sociedade futura denotando claramente a influência do socialismo coletivista (BATALHA, 1995, p.38).

Coutinho também teve uma atuação com escritos literários, poesia, contos, romances e peças teatrais. Suas produções buscavam transmitir uma mensagem acerca de sua ideia de emancipação do proletariado. O personagem por meio de suas peças e textos construiu uma literatura que tinha como objetivo deliberado ser um instrumento de ação social e propaganda. Para Benito (2000): “As peças de Coutinho visavam a difusão de mensagens políticas e morais e, provavelmente, alcançaram um público muito mais amplo do que aquele que lia seus artigos na imprensa” (SCHMIDT, 2000, p.112-113).

O primeiro trabalho teatral de Coutinho, *A Greve*, foi apresentado com ajuda da União Operária em 1903, sendo exibido no ponto alto das comemorações do dia do trabalho. A peça sintetiza a classe operária, subjugada ao peso da miséria e das injustiças e que se revolta contra a organização social indo até as fileiras anarquistas expressar sua indignação. As personagens principais que protagonizam a atuação acabam sendo executadas em uma ação com explosivos. A mensagem da peça estava direcionada a um entendimento que as ações violentas originadas da exploração capitalista conduziam os operários a utilizar métodos violentos e ineficientes e que apenas o socialismo científico poderia colocar fim às injustiças sociais.

⁷⁷ Pelo Partido Socialista ocupou a cadeira de representante no Conselho Municipal (1900). (SCHMIDT, 2000, p.54)

⁷⁸ Autores que influenciaram seu pensamento: Proudhon, Karl Marx, Bakounine, Lassafé, Frederico Engels, Kropotkine, E. Lavekeye, De Greef, B. Malon, Colajanni, Labriola, A. Loria, Letounerau, P. Laargue, Ferrero, Max, Nordau, Elias Réclus, Lombroso, Hector Denis, Tolstoi, F. Turati, A. Hamon entre outros (SCHMIDT, 2000, p.57).

Para Silvia Petersen (2001, p.61), Coutinho manifestava na sua atuação as perspectivas do movimento socialista no final do século XIX e início do XX:

A construção de um partido operário será a grande aspiração destes primeiros socialistas, pois ele é considerado o instrumento através do qual se dará a derrota da política burguesa; este será um tema recorrente no discurso operário na época, cuja tônica, aliás, é tanto o apelo aos operários para que se organizem a fim de enfrentar as condições da sociedade capitalista, como as críticas ao que era visto como o descaso dos trabalhadores por seus próprios interesses.

Para Coutinho a revolução era vista como um momento culminante da trajetória evolutiva dos indivíduos. Nesse processo os operários iriam desenvolver sua consciência de classe e sua capacidade de organização, onde, pela via eleitoral, fariam conquistas individuais para os trabalhadores. A perspectiva de revolução e reformismo do personagem fez existir oscilações em relação a suas posturas, um exemplo foi a relação com o anarquismo. Sua posição variou da hostilidade à simpatia, da crítica à solidariedade. Segundo Benito (2000, p.98), essa oscilação pode ser explicada por uma questão conjuntural:

Na virada do século XIX, ainda não havia um conflito explícito entre socialistas e anarquistas no movimento operário gaúcho. Este só eclodiu em 1906, por ocasião da primeira greve geral do Estado e da fundação da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS).

Em Jaguarão, a peça *A Greve* aparece no jornal o *O Plenilunio* no ano de 1914⁷⁹. A coluna com o título da peça iniciou mencionando a dualidade que vivia o militante na cidade, pois ao mesmo tempo em que fazia propaganda das teorias anarquistas desfrutava do cargo de servidor público.

⁷⁹ O Plectro. Semanário, crítico, literário e noticioso, 1922, p.04.



Imagem 5:

Peça a “A Greve”, O Plenuino, 1914, p.04.

Programa de Catalogação e Digitalização de Documentos (PRODDOC).

Após essa crítica, o jornal mencionou o fato de Coutinho ter gosto pelas letras, as quais se dedicava nas horas que sobram dos seus afazeres pessoais produzindo diversos trabalhos individuais. No encerramento aparece o convite para apresentação dos amadores da União Operária no Theatro Esperança. A peça evidencia que, até o ano de 1914, a União Operária seguia atuante entre o operariado da cidade. Segundo Benito (2000) o movimento operário jaguarenses apresentou manifestações significativas depois da chegada de Coutinho. Em 1912, comemorou-se o 1 de maio, ocorrendo a fundação de uma sociedade. Posteriormente a sociedade presidida por Coutinho aparece no relatório da Federação Operária do Rio Grande do Sul de 1913 como uma entidade que mantinha relações de solidariedade com a FORGS. Em 1913 também eclodiu uma greve de empregados da construção civil que reivindicavam 8 horas diárias de trabalho⁸⁰ (SCHMIDT, 2000, p.144-145).

É possível constatar que Coutinho também mantinha vínculos de amizade com membros do PRR e com figuras como Carlos Barbosa. Em 1909, Coutinho cumprimentou Carlos Barbosa por seu aniversário no jornal *A Federação, órgão do Partido Republicano*⁸¹. Posteriormente em 1922, Coutinho vai para São Borja para assumir o cargo na Escola Elementar da cidade,

⁸⁰ Jornal A Opinião Pública, 1914, p.01.

⁸¹ A Federação: órgão do Partido Republicano 1884-1937,(1909).

evidenciando que Coutinho precisava do apoio do partido para se manter lecionando e que assim fazia, jogando o jogo político da época⁸².

Segundo Loner (2016), a segunda década do século XX foi um momento de predomínio e intensa atuação do movimento anarquista no Estado. Nesse período, Coutinho já residia em Jaguarão onde atuava como professor e membro da União Operária. Infelizmente não pude acessar o jornal *O Rebate*, onde ele publicava artigos e colunas no período em que residiu em Jaguarão, no entanto é possível constatar no jornal *A Lanterna* que, no momento em que esteve na cidade, o personagem manteve uma aproximação com os anarquistas. Nesse contexto, Coutinho também demonstra uma desilusão com a chegada do socialismo, indo de um otimismo para uma descrença. Em trecho trazido por Benito Schmidt (SCHMIDT, 2000, p. 104), do jornal *O Rebate* o militante escreve:

Só um grupo, a minoria, os chamados anarquistas continuam fiéis e irredutíveis em seus ideais de lealdade e fraternidade. Infelizmente, porém, também entre eles há divergências de opiniões, apenas a finalidade os une, a abolição da propriedade privada, a posse comum das fábricas e ferramentas, a liberdade de cada um trabalhar conforme suas forças e gastar de acordo com suas necessidades. Eis o único ideal são e respeitável da atualidade, Porém, será isto realizável? Chegaram os homens algum dia a tal estado de perfeição? Incógnita terrível. (SCHMIDT, 2000, p. 104)

Não é possível precisar ao certo se a peça *A Greve* manteve-se do mesmo modo que no início do século XX. No entanto, nesse contexto, já havia uma aproximação entre Coutinho e os libertários que também disputavam espaço entre o movimento operário de Jaguarão. No jornal *A Lanterna* foi publicado um anúncio de uma reunião para serem tomadas as últimas deliberações da adesão dos libertários ao congresso anarquista internacional que aconteceria em Londres. No anúncio um membro comunica que a assembleia já recebeu os relatórios sobre a ação libertária de diversas cidades entre elas Jaguarão⁸³. Para Schmidt (2000), a percepção do militante socialista foi mudando de acordo com as experiências organizacionais do movimento operário, no entanto, Coutinho não se colocava como um anarquista, mesmo tendo escrito vivas ao anarquismo em diversos momentos. É possível constatar que nesse contexto existe uma admiração e interesse pelos ideais libertários.

⁸² A Federação: órgão do Partido Republicano 1884-1937, (1922).

⁸³ *A Lanterna*, 1913 p.03

ACÇÃO LIBERTARIA

Pro-C. A. I. — Conforme annunciámos, realizou-se no domingo passado á noite uma nova reunião do elemento anarquista de S. Paulo, convocada com o fim de serem tomadas as ultimas deliberações sobre a adesão dos libertarios do Brasil ao Congresso Anarquista Internacional, que iniciará os seus trabalhos em Londres nos ultimos dias de agosto:

Por um membro do C. de R. foi comunicado á assembleia já terem sido recebidos os relatorios sobre a acção libertaria nas nas cidades seguintes: Ribeirão Preto, S. Paulo; Belém, Pará; Jaguarão, R. G. do Sul, e Pelotas, no mesmo Estado. Foram lidas cartas de Belo Horizonte, Minas; Porto Alegre, R. G. do Sul, e Manaus, Amazonas, participando ao C. de R. o resultado de reuniões realizadas e a preparação dos respectivos relatorios. Teve-se tambem communicação de que em Santos está sendo compilado o relatorio daquela cidade.

Foi lida a seguir uma carta do Comité do Rio, dando conta do resultado da ultima assembleia realizada naquela capital, que resolveu aceitar a indicação do companheiro aqui escolhido para ir ao Congresso, lembrando, entretanto, um outro e deixando a escolha ao criterio do elemento de S. Paulo.

Sobre esse assunto falaram varios dos presentes, ficando por fim resolvido, com o apoio geral da assembleia, confirmar a nomeação do camarada já indicado, que deverá, de volta do Congresso, compilar um minucioso relatorio sobre os trabalhos do mesmo para ser distribuido por todo o elemento do Brasil, pon-do, assim, todos os grupos e individuos em condições de estudarem, discutirem e propagarem as ideias lá sustentadas, os meios de luta lembrados e as iniciativas propostas.

Depois de resolvidos ainda mais alguns assuntos referentes ao Congresso, foi retomada a discussão sobre a acção dos anarquistas no sindicato em face da sua neutralidade em questões de principios politico-partidarios e filosoficos, falando diversos companheiros, opinando todos pela necessidade da propaganda activa e constante dos libertarios no seio da organização proletaria para arrastar os trabalhadores á luta franca em favor da sua emancipação, sem que, entretanto, se deva pretender emprestar-lhe uma finalidade que ainda não é conscientemente aceita senão por uma minoria dos seus componentes.

Comicio de propaganda — Teve bom exito o comicio de propaganda promovido pelo Grupo D. Libertario. Por não ter sido bem escolhido o

a ele foi diminuta, razão por seus promotores resolverem logo em outro ponto melhor.

O novo lugar escolhido foi a tano Pinto. Improvisada a tita uma cadeira, a ela subiram e os companheiros Antonio Nal Virgilio Fidalgo, Francisco José Romero, patenteados as miseras condições do povo trabalhador em contraste com a ociosidade dos argentarios parasiticos que nada produzem e tudo gosam mostrando a necessidade de se preocupar directamente sorte, preparando-se, organizando-se fortemente para conseguir a emancipação com o estabelecimento de um novo regimen social que garanta o bem-estar e a liberdade de todos em tromonio comum e não, como agora, o privilegio de uma minoria opulenta.

O publico, que era num grande numero em boa parte composto do elemento feminino, aplaudiu com calor as ideias, demonstrando assim simpatia pelas ideias por elle defendidas.

Foi uma bela reunião de propaganda, que merece ser lembrada constantemente e em todos os pontos da cidade.

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM S. PAULO

Circulo de Estudos Sociais da Bela Vista — Na reunião de domingo do grupo da Bela Vista, realizamos a seguinte reunião, na qual se decidiu, para o grupo, que se reuniria novamente depois de amanhã, feira, ás 7 horas da noite, no Conselho Ramalho, 188. Para assistir a essa reunião foram convidados todos os libertarios residentes naquele bairro.

EM PORTO ALEGRE (R. G.)

Centro de Estudos Sociais — A reunião efectuada na sede do grupo Operaria e na qual tomaram parte numerosas pessoas interessadas na propaganda das ideias de emancipação humana, ficou fundado o Centro de Estudos Sociais, em 2 de junho, de 1913.

O novo gremio terá por fim a instrucção e educação das operarias, servindo-se para esse fim palestras, conferencias, leituras, revistas e jornais, aulas familiares, etc.

Na sessão de fundação foram votadas as bases pelas quais se regerá o Centro, bases estas identicas ás do C. de E. S.

Foram eleitos para os cargos de secretario, o companheiro D. T. e tezureiro, o companheiro Gusmão.

O Centro já levou a effecto de da F. O., uma palestra sobre o tema: «Os partidos socialistas e o movimento operario».

Séde provisoria: Rua S. 157 — Porto Alegre — R. G.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Conforme Schmidt (2000) o jornal *A Opinião Pública*⁸⁴ de Pelotas mencionou que a pequena cidade de Jaguarão tinha duas sociedades operárias divergentes pelo espírito religioso. Essas eram a Sociedade Operária Jaguareense (S.O.J) e a Sociedade União Operária (S.U.O). A primeira fundada em 1912 tendo como presidente de honra o cônego Godofredo Evers e a outra fundada por Antônio Guedes Coutinho (SCHMIDT, 2000, p.144,145).



Imagem 8:
Godofredo Evers
Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

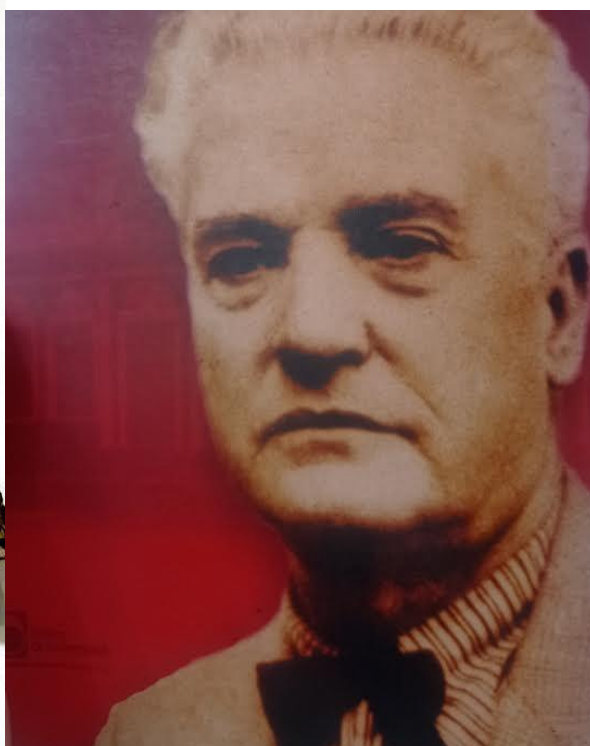


Imagem 8:
Antônio Guedes Coutinho
Capa do livro “Um Socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho.”

Infelizmente não encontrei muitos registros sobre a história do cônego Godofredo Evers, como busquei evidenciar no segundo capítulo. Sabe-se que ele chegou ao Brasil vindo da Bélgica através da ordem premonstratense. Em Jaguarão sua primeira passagem foi no ano de 1904 para substituir Tiago Schoenaers e Rafael Goris que entravam em férias. O personagem participou da fundação do colégio Espírito Santo tendo conseguido em 1908 que o ginásio fosse equiparado a um colégio do estado, podendo através desta instituição os alunos ingressarem na universidade (VERGARA, 2019, p.28).

Após sua primeira passagem, o cônego retornou em 1910 onde participou ativamente da fundação da Sociedade Operária Jaguareense. Dentro da S.O.J. o cônego teve uma atuação de destaque, presente em todos os anos na mesa diretora da entidade e participando ativamente das

⁸⁴ Jornal *A Opinião Pública*, 1914, p.1.

tomadas de decisões e na definição dos rumos da S.O.J. (VERGARA, 2019, p.23). Dentro da S.O.J. o cônego defendeu uma postura moralizante, visando a formação de um operariado cristão, comprometido com a igreja e longe dos “pensamentos subversivos”.

Godofredo Evers mantinha relações estreitas com os trabalhadores da cidade. Estes, como os demais trabalhadores nacionais diante da inexistência de política de amparo, buscavam as sociedades que proporcionassem algum tipo de auxílio. Na primeira sessão da Sociedade Operária Jaguareense foi conferido lugar de honra, em gratidão a Godofredo Evers por ter sido o membro fundador da entidade. Para o cônego, a decadência moral e social do operariado jaguareense se dava pelo fato de não existir uma entidade que os unisse. A razão da criação da S.O.J. era ter uma proposta que juntasse os operários, e fornecesse um espaço onde eles pudessem reunir-se para expor suas questões pacíficas e harmoniosamente. Após sua fundação, o Cônego Godofredo Evers foi escolhido como orador e presidente de honra da S.O.J. pois possuía prestígio na cidade e na sociedade por ser seu fundador (VERGARA, 2019, p.36).

Godofredo Evers também teve atuação na imprensa da cidade e foi possível constatar isso em dois periódicos: *O Mensageiro Catholico* e *O Amigo do Operário*. Nesses jornais aparecem mais abertamente os aspectos ideológicos das sociedades ajudando a compreender melhor as diferenças entre elas. A Sociedade União Operária (S.U.O) em Rio Grande tinha princípios socialistas, sendo para Loner (1999) uma entidade que realizava manifestações contra a carestia e posicionava-se a favor do operário contra a burguesia, além de também cobrar ações do Estado. Em muitos aspectos a S.U.O assemelhava-se com a S.O.J, a diferença predominante de uma sociedade para a outra eram os aspectos ideológicos, religiosos e as propostas frente ao operariado.

Em maio de 1912 o secretário José Maria Rodrigues fez ver a necessidade da criação de um jornal, órgão da Sociedade Operária Jaguareense (S.O.J). Para facilitar sua criação, o secretário propôs ao jornal usar o espaço da Tipografia do *Mensageiro Catholico*. A diretoria aceitou a proposta e ficou com a responsabilidade de nomear um redator e um diretor especial para exhibir o primeiro jornal no dia 22 de junho, dia de São Paulo⁸⁵. A redação ficou a cargo do presidente de honra, Godofredo Evers, e ficou sob responsabilidade da diretoria a gestão tendo como gerente o secretário José Maria Rodrigues. Em reunião no dia 30 de junho de 1912 a diretoria não deixando passar despercebida festejou a publicação do *Amigo do Operário*, órgão da Sociedade⁸⁶: “O amigo do operário no artigo de fundo entreteve-se numa agradável palestra. O amigo do operário defenderá os interesses da Sociedade Operária Jaguareense, e tudo aquilo que diz respeito à justiça, à caridade, à prosperidade, à família, e à pátria.”

Infelizmente consegui ter acesso a apenas uma versão do *Amigo do Operário*. O exemplar disponível é de 30 de abril de 1913 e nele é possível constatar que trata-se da edição 43 tendo

⁸⁵ Livro de Atas da S.O.J., 1912, p.25. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

⁸⁶ Livro de Atas da S.O.J., 1912, p.27. Acervo do Círculo Operário de Jaguarão.

havido, portanto, outras desde o período em que foi criado. A redação *Amigo do Operário* era realizada pela diretoria da S.O.J e o gerente da folha era o secretário José Maria Rodrigues. Nesse exemplar, na primeira página, foi reproduzido um artigo publicado no *Jornal Tribuna Religiosa* intitulado "Operários-Escravos". No artigo de uma página é exibido um diálogo com perguntas e respostas no qual o autor responde as razões pelas quais ele considera equivocada a comparação, todo o artigo transcorre dentro de uma perspectiva conservadora e moralizante. No encerramento o autor faz uma crítica à modernidade e as ciências e encerra com a conversão do leigo que frequentava o curso⁸⁷: “-Sim. Estou agora me convencendo de que queremos perverter o nosso povo com erros anti-religiosos e anti sociais, e isso em nome de uma cultura científica, avarenta e falsa.”

Segundo Patrícia Lima (2019), nessa coluna do *O Amigo Operário* é possível perceber a intenção por trás da palavra, quando apontam diferenças entre o trabalhador e os escravizados de diversos tempos e destacam a importância da Igreja para amenizar a condição precária do trabalhador os colocando em uma posição mais digna e honrada. Graças ao seu “sentimento Cristão”, se coloca como um meio que proporciona ao trabalhador uma vida mais digna (VERGARA, 2019, p. 42).

Na segunda página, a coluna intitulada “Lêde e Reflect”, traz uma série de propagandas anti socialistas e anti anarquistas. Nelas é exibida diversas frases e falas atribuídas a personagens da luta do movimento operário, atacando: o cristianismo, a família, a pátria e o patriarcado. Os trechos trazidos e apresentados de forma descontextualizada e inautêntica buscavam criar um ambiente hostilizado para os socialistas e anarquistas entre os operários, atribuindo a esses uma personificação de um inimigo comum o qual carrega todos os aspectos negativos em suas ideias de sociedade. No final da coluna o autor comenta os trechos dizendo⁸⁸:

Eis operários, o que quer socialismo. Guerra contra Deus, Guerra contra a Pátria, Guerra contra a Família, Guerra contra a Propriedade. E, para chegar aos seus horrorosos fins, mente ao povo para que esse se deixem docilmente levar pelos chefes da revolução social.

No socialismo o operário não passa d’um instrumento d’um um escravo.

Operário que amais a verdadeira liberdade e prezais a vossa dignidade humana-alerta!

Tudo por Deus, Pela Pátria, Pela Família; e pelo e progresso de nossa classe!

⁸⁷ *Jornal O amigo do Operário*, 1913, p.01.

⁸⁸ *Jornal O amigo do Operário*, 1913, p.02.

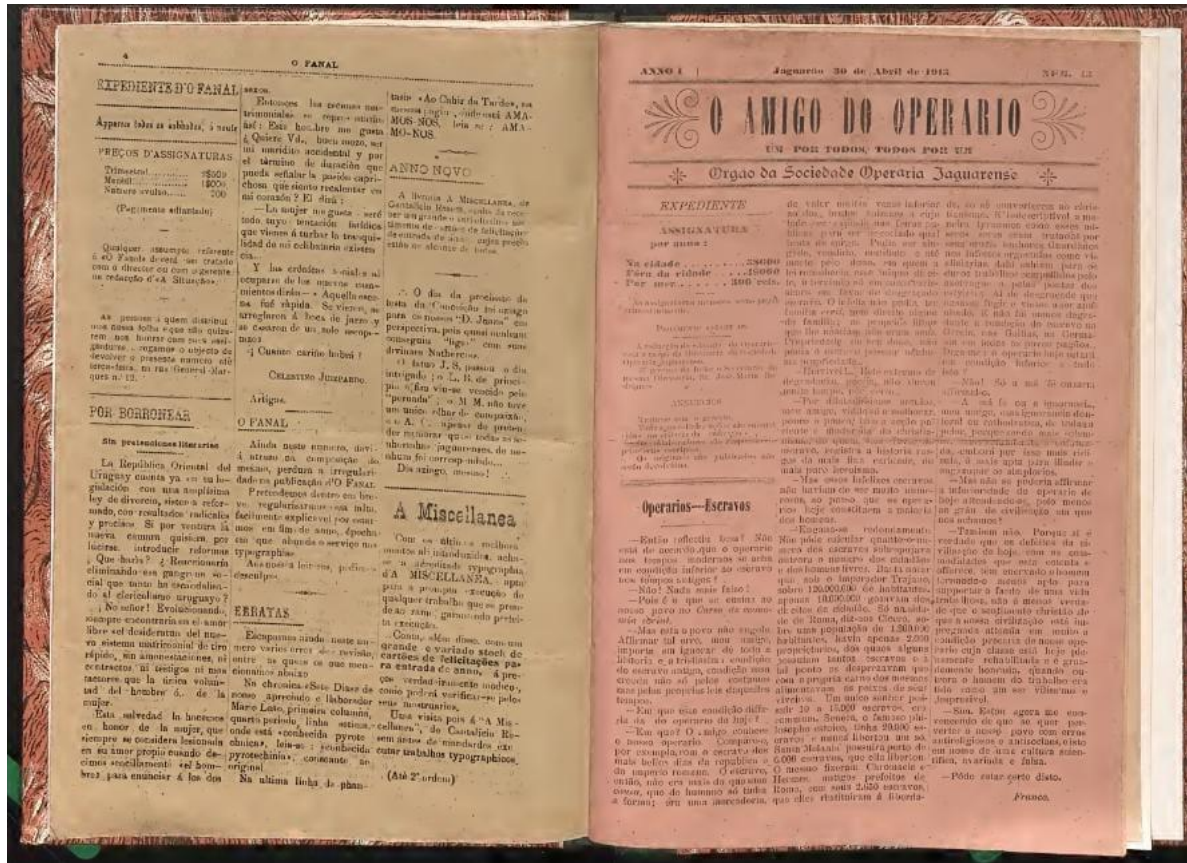


Imagem 9:

Jornal O amigo do Operário, 1913, p.1

Programa de Catalogação e de Digitalização de Documentos (PRODDOC).

Outro aspecto trazido por esse exemplar do *Amigo do Operário* foi uma coluna intitulada “1 de maio”. Nela, foi feita uma síntese da data, questionando sua representatividade para os operários e criticando os métodos anarquistas que incentivaram os operários a fazer greves e ter enfrentamentos com a polícia. A coluna coloca como símbolo da data o erro dos injustiçados em nome da emancipação proletária e diz que esse é o primeiro de maio dos anarquistas, celebrado pelas sociedades de resistência, e todas as agremiações operárias parte da ausência de uma consciência plena⁸⁹:

E este primeiro de maio, os operários, que não vão atrás das sombras do Vaillant, Ravachol, dos justicados de Chicago, de Ferrer, Bonnot, Pardina, Sanchez Alegre, e são todos os operários conscientes de sua dignidade, não o festejam porque celebrar o crime, o atentado em seus terríveis autores, não é digno de quem preza por Deus, Pátria e Família.

O texto sugere ressignificação do primeiro de maio em uma festa mundial do trabalho convertida em um dia de descanso. O autor também destacou que era importante reiterar na memória do primeiro de maio o mês em que o papa dos operários, Leão XVIII, publicou a sua

⁸⁹Jornal: O amigo do Operário, 1913, p.02-03.

enciclopédia sobre as condições dos operários reivindicando como um apóstolo justiça e respeito para os que vivem todo os dias com o suor do rosto⁹⁰.

Segundo Sílvia Petersen (2001) o primeiro de maio é um importante espaço para pesquisa do movimento operário pois revela tendências, destaca militantes e por vezes indica eventos significativos para os operários (PETERSEN, 2001, p.164). Em Jaguarão, a Sociedade União Operária demarcava o primeiro de maio sob uma perspectiva classista, sendo inclusive a sua data de fundação e de eleição da nova diretoria todos os anos, como demonstra o *Amigo do Operário*. Havia uma percepção que a data nada representava para os operários de bem. A data só significava algo para os baderneiros com espíritos anárquicos que comemoram a morte como luta.

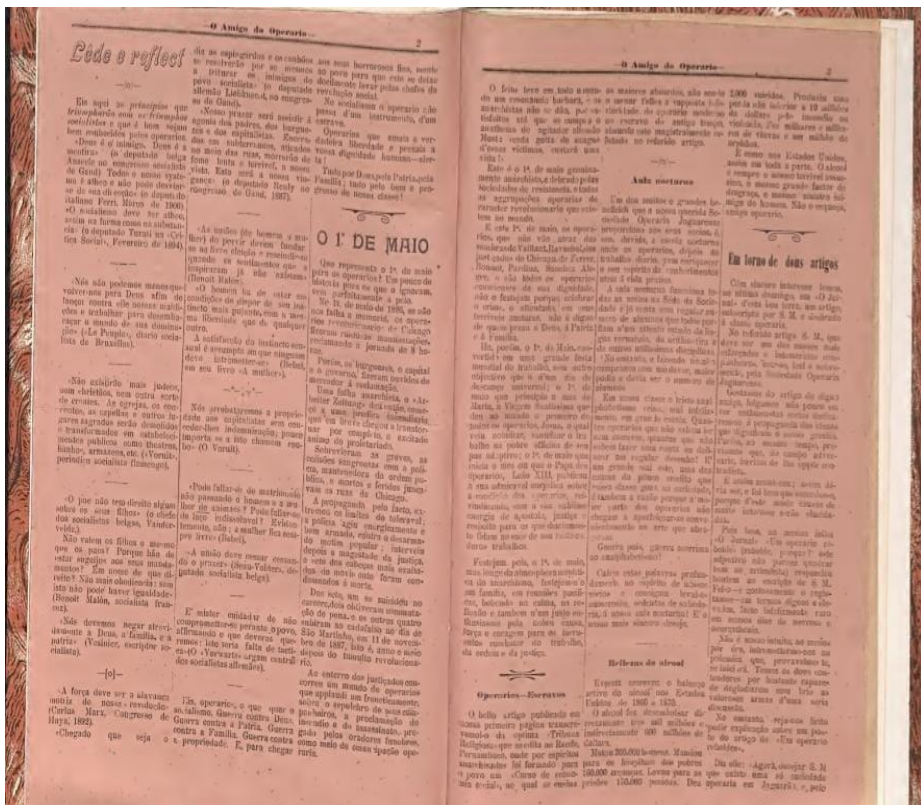


Imagem 10:
Jornal O amigo do Operário, 1913, p.2-3
Programa de Catalogação e de Digitalização de Documentos (PRODDOC).

No final do exemplar aparece o anúncio das aulas noturnas para os operários ministrada pela S.O.J., onde é feito um apelo para que os operários continuem indo às aulas, para colocar fim no analfabetismo que toma conta do operariado⁹¹. Na última coluna intitulada “Em torno de dous artigos” é tratada a polêmica envolvendo um artigo publicado por S. M no *O Jornal* direcionado à classe operária. O artigo publicado propagava os ideais da Sociedade Operária Jaguarãense e foi rebatido na mesma folha, com a coluna intitulada *Um Operário Rebelde*. Infelizmente não

⁹⁰ Jornal *O amigo do Operário*, 1913, p.03.
⁹¹ Jornal *O amigo do Operário*, 1913, p.03.

consegui ter acesso ao periódico, ficando impossibilitado de saber o que foi publicado. No entanto, é possível pressupor, pelo modo que é apresentado, a crítica no *Amigo do Operário* que trata-se de uma resposta a uma acusação de outra agremiação operária da cidade com ataques diretos à organização da S.O.J. e a Godofredo Evers⁹²:

Diz elle; Agora, desejar S. M que existe uma só sociedade operária em Jaguarão e pelo molde da inspiração do cônego Godofredo Evers, a quem não negamos as suas virtudes, o seu saber, os seus anhelos de ser útil e todas as condições boas que em si reúne o conhecido sacerdote, mas, indubitável é que nem todos os operários do Jaguarão se encontram no mesmo terreno das idéias e entendem alguns que um padre não deve dirigir associações operárias nas, nunca dirigiram (nem nunca as dirigiu, não será o que quer dizer o articulista?) e se computarmos a história se verá que essa direção que os padres procuram ter será talvez depois que . Santidade o Papa fez sentir que era preciso interessar-se pela classe operária. E sobre este último ponto, ao qual chamaremos histórico, desejamos ouvir “Um operário rebelde Sempre tivemos gosto em cousas de história, e por isto, grande favor seria se o illustre “operário rebelde” nos provasse que a igreja catholica e por ela e com ella, o padre, nunca se tem ocupado com as associações operárias, guiando-as, protegendoos com o seu poderoso auxílio e a luz de sua doutrina. Esperamos a resposta, e depois nós também conversaremos um pouco sobre história. Um operário da verdade”.

Nesse mesmo período encontrei no jornal *A Lanterna* outras ocorrências que sustentam a existência desse conflito entre sociedades. Lá foi mencionado que o periódico *A Voz da Estiva*, de Rio Grande, realizava uma enérgica campanha contra Godofredo Evers, que vinha através de um papelucho denominado *Amigo do Operário* envenenar o ambiente entre os operários. O cônego foi retratado com um padre audacioso e atrevido. Segundo o *A Lanterna* o periódico *A Voz da Estiva* realiza essa campanha graças a Grac e Frater que, de forma audaciosa e corajosa, denunciavam suas mentiras⁹³. Os pseudônimos “Grac” e “Frater” aparecem em outras ocorrências tanto escrevendo como também sendo informados⁹⁴. Segundo Schmidt (2000, p.29) Antônio Guedes Coutinho em seus escritos utilizava o pseudônimo “Grac”, e suponho que “Frater” seja o receptor do jornal na cidade Francisco Veríssimo Alves.

⁹² Jornal: **O amigo do Operário**, 1913, p.03-04.

⁹³ Jornal: **A Lanterna**, 1913, p.03.

⁹⁴ Jornal: **A Lanterna**, 1913, p.03

NO RIO GRANDE

A *Voz da Estiva*, periodico que vê a luz na cidade do Rio Grande, R. G. do Sul, tem mantido uma energica campanha contra um tonsurado ignorante de Jaguarão, que pretende envenenar o ambiente proletario com um papelucho denominado *O Amigo do Operario*.

O dito tonsurado é o conhecido cavador padre Godofredo, presidente da S. Operaria Jaguareuse e director do Ginasio E. Santo.

E' um padre audacioso, e atrevido que a *Voz da Estiva* tem corajosamente vergastado com as penas destras de Grac e Frater. O bruto tem-se visto em palpos de aranha para se defender ante a argumentação logica e as bases solidas destes camaradas.

Oxalá que todos que se dizem homens livres sigam esse exemplo, desmascarando energicamente os abutres de batina, desses verdadeiros suinos humanos. — José Alódio.

Imagem 11:

A Lanterna: Folha Anticlerical e de combate SP, 1913, p.3.
Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

Infelizmente não consegui acessar o periódico *A Voz da Estiva*, no entanto o jornal *A Lanterna*⁹⁵ mantinha uma interlocução direta com Jaguarão. O periódico foi fundado em 1901 e tinha uma postura anticlerical, enfatizando a crítica a Igreja Católica e defendendo a existência de uma sociedade livre de dogmas, laica e que caminhasse rumo ao progresso. No texto intitulado “A “Lanterna” em Jaguarão Os Farsantes!”, o autor critica um grupo de senhoras que se juntava nas festividades para pedir dinheiro, argumentando que esse recurso iria ser utilizado para gastar com lojistas, sapateiros e padres. Após as críticas, o autor relata uma situação ocorrida com um companheiro na cidade, que foi abordado em um tumulto e, por ter decidido não colaborar, foi alvo de risadas⁹⁶: “Chegando a casa, o nosso amigo, que nunca negou esmola a um mendigo. Após ter sido vaiado pelas mulheres da alta sociedade, mandou que nesse dia não negasse esmola a

⁹⁵ Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁹⁶ Jornal *A Lanterna*, 1913, p.03.

nenhum pedinte, mesmo que esse fosse ares de vadio, mas nunca os vadios que andaram pedindo para a igreja!"

A trajetória de Coutinho demonstra que o militante sempre teve uma atuação crítica à atuação da igreja Católica e isso era reforçado principalmente quando se tratava de questões direcionadas aos operários. O militante mantinha uma postura anticlerical e acreditava na transição do socialismo para uma religião que, no futuro, iria trazer justiça, razão e direito. Esse trânsito entre cientificismo e religiosidade era comum na época para os socialistas. No entanto, essa postura não impedia que Coutinho nutrisse uma grande admiração por Cristo, absolvendo também diversos aspectos morais difundidos através da igreja (SCHMIDT, 2000, p.144-145).

.A coluna “A Lanterna em Jaguarão”, retornou com uma matéria intitulada: O “ilustre”. Nela o redator Paulo Bastes escreve de Rio Grande uma carta crítica ao *Mensageiro Católico*. Inicialmente o autor menciona que apenas em dezembro conseguiu ter acesso a publicação do dia 06 de novembro do *Mensageiro Católico* criticando o jornal *A Lanterna*. Na publicação Paulo Bastes acusa o jornal de chamá-los de “o trapo mais viu e imundo” que se publica em terras brasileiras”. Em respostas à acusação, a carta apresenta um pouco das história dos redatores do jornal, o primeiro a ser acusado é o Cônego Godofredo Evers⁹⁷:

Ocupa o primeiro lugar o padre Godofredo célebre pelas sua polêmicas e pela nulidade inqualificável. E um homem vil, desprezível, que muito se tem que muito tem inimizado naquela cidade. E um padre que ataca e ofende a todos aqueles que não seguem suas palavras mentirosas; a todos que não adotam sua religião.

Após a crítica a Godofredo Evers, o autor critica José Maria chamando-o de ignorante que se considera grande jornalista. José Maria e Godofredo Evers eram integrantes da S.O.J. e redatores do *Amigo do Operário* e do *Mensageiro Católico*. As críticas também foram direcionadas a colaboração dos padres “sujos” no colégio Espírito Santo, questionando a capacidade desses de exercer a docência. Após criticar os padres, a coluna encerra dizendo que essa era a “trupide de escrevinhadores” que os atacavam:

Aí estão os escrevinhadores do jornaleco *mensageiro*.
Restou-me falar um pouco da redação do *mensageiro*.
Na frente do edifício há uma grande pedra que diz: Compram-se e vendem-se objetos usados. Isso é uma casa de pregos como aqui chamamos.
E também é agência de leilões! E redação!
Aí tendes o *mensageiro catolico* e seus escrevinhadores.

⁹⁷ Jornal *A Lanterna*, 1913, p.03.

A "Lanterna" em Jaguarão
(R. G. do Sul)

**O MENSAGEIRO DA CAVAÇÃO
E A SUA TROPILHA
"ILUSTRE"**

Existe em Jaguarão um jornal da boa imprensa que, como os seus colegas da cruzada de cavação, costumam dizer da *Lanterna* o que Mafoma não disse do toucinho.

E' natural. Pois quem lhes chega a roupa ao pélo? Compreende-se, pois, que berrem e berrando deitem para as colunas dos seus bacios toda a puzeza da sua alma.

Trazem á baila os brutos o rev. capão Luiz Setta que, se não estivesse todo entregue ás sete mil virgens celestiais, nós lh'o despachariamos pelo primeiro vapor...

Mas querem os leitores saber de quem se trata? Pois então leiam a seguinte carta:

Sr. redactor da *Lanterna*:

Só hoje, 20, é que chegou ás minhas mãos o *Mensageiro Católico* do dia 6 do corrente, papelucho que se publica na vizinha cidade de Jaguarão.

Neste numero, referindo-se ao caso do vigário Luiz Letta, ataca o vosso conceituado e valente órgão, chamando-o de «o trapo mais vil e imundo que se publica em terras brasileiras...» O meu fim é apenas fazê-lo conhecer quais são os escrevinhadores do *Mensageiro*.

Ocupa o primeiro lugar o padre Godofredo, celebre pelas suas polemicas e pela sua nulidade inqualificavel. E' um homem vil, desprezível, que muito se tem inimizado naquela cidade. E' um padre que ataca e ofende a todos aqueles que não seguem as suas palavras mentirosas; a todos que não aiotam a sua *santa* religião.

Segue-o o sacristão José Maria, sem nenhum preparo, completamente destituido de intelligencia e tão ignorante que não conhece a sua propria ignorancia, e julga-se um grande jornalista.

Celebrizou-se por uma maldade feita a um infeliz preto, que até hoje sofre as terriveis consequências.

São estes dois, os redactores do *Mensageiro*.

São tambem colaboradores deste papel sujo os padres do Gimmasio Espirito Santo.

Vou dizer algo a respeito deles. Vamos começar pelo reitor. Bom matematico, homem que guarda odio a uma pessoa por qualquer insignificancia e que tem uma sede louca de vingança. São estas as qualidades que reúne o sr. reitor.

Segue-o o padre Estevam. Monta muito bem a cavallo e conhece-os perfeitamente. Completamente nulo.

Temos o padre Ricardo, o

mais preparado do Gimmasio. Conhecedor das sciencias. Desconhece o portuguez, assim como os outros.

O padre Antonio. (Simplex como lhe chamam os alunos.) Conhece Geographia e dorme nas aulas de portuguez e desenho!

Temos o outr. Antonio (composto). Desconhece até a sua propria lingua!

Temos o padre Domingos, uma nulidade.

Vamos terminar com o padre Vitor, que conhece muito «As volupias», «O casto José» e outras obras semelhantes.

E' um bom maxixador.

Ai estão os escrevinhadores do jornalco *Mensageiro*.

Resta-me falar um pouco da redacção do *Mensageiro*.

Na frente do edificio ha uma grande pedra que diz: «Comprim-se e vendem-se objectos usados», isto é, é uma «casa de prégos», como aqui chamamos.

E' tambem agencia de leilões! E' a redacção!

Ai tendes o *Mensageiro Católico* e seus escrevinhadores...

Paulo Bastos.

Rio Grande, 20—12—1913.



Pequenos ecos

Boas Festas — Temos ainda sobre a mesa cartas e cartões de saudações de principio de anno de seguintes amigos da nossa folha: sr. Fortunato Guedes e exma. familia de Ribeirão Preto; dr. Magnus Son ubil, de Magalhães, Bahia; sr. Manoel Rodrigues, de Rio Grande, R. G. do Sul; Sociedade União Operaria, dessa mesma cidade; exma. sra. d. Egr. Pierson de Souza, de S. Luiz, Maranhão; Grande Oriente do Rio Grande do Sul, com sede em Port Alegre; André Ribeiro, de Niteroi; Carmine Antonio Nastaci, de Petrópolis.

Um novo anno de luta energica, persistente em prol da causa da redenção humana — é o que a todo dizemos, retribuindo os bons augurios a nós enviados.

C. B. dos Livres Pensadores «Francisco Ferrer» — Com este titulo, fundou-se em Curitiba, no dia 25 de dezembro p. passado, uma associação de livre-pensadores, cuja directoria provisoria ficou assim constituida: presidente, Adolfo Silveira secretario, Benedito Peixoto de Mattos; tesoureiro, Aureliano Silveira.

Fazemos votos para que a nova associação prospere, batallhando fraternalmente em favor dos ideais do grande martir cujo nome tomou com patrono.

Comunicação associativa — D. S. C. Internacional, de Rio Grande, R. G. do Sul, recebemos um officio participando-nos a eleição da sua nova directoria.

Prosperidades, é o que desejamos ao club riograndense.

Os clichés da "Lanterna"

Resolvemos vender todos os clichés já publicados pela *Lanterna* e que podem ser aproveitados para almanques, revistas, jornais, avulsos, et cetera. Preços, livros do porte e do registo do correio: de 3 colunas, 3500 de 2, 25000.

Imagem 12:

A Lanterna. Folha Anticlerical e de combate SP, 1913, p.3.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Os conflitos que se estendiam pela imprensa clerical, anticlerical e operária evidenciam que na formação da classe operária jaguarensense houve uma disputa acirrada e permeada de situações envolvendo militantes socialistas, anarquistas, ordens religiosas e operários. Essas experiências evidenciam que no período da segunda década do século XX existia na classe operária da cidade uma pluralidade de ideias e estratégias de organização mediante os problemas de seguridade social que enfrentavam os trabalhadores. Essa organização se manifesta à medida

em que espaços coletivos são conduzidos para a defesa dos seus interesses, tanto de representação quanto de classe.

Para Sílvia Petersen (2001) as reivindicações do movimento operário trouxeram o tema das reivindicações dos direitos por cidadania para o campo da luta política. Nesse processo de formação da classe passam a surgir instituições próprias como sindicatos, sociedades mutualistas, movimentos educativos, jornais e partidos. Esses espaços refletem interesses particulares de classe, nesse sentido a imprensa foi órgão independente de enunciação da opinião da classe e teve grande importância para os operários durante a primeira República. (PETERSEN, 2001,p.172).

Busquei durante esse último capítulo trazer a trajetória do cônego Godofredo Evers e do militante socialista Antônio Guedes Coutinho que participaram ativamente do movimento operário nas primeiras décadas do século XX em Jaguarão. Ambos atuaram em sociedades de apoio mútuo, na imprensa e como educadores, sob óticas e perspectivas diferentes também protagonizaram o embate entre a Sociedade Operária Jaguareense e Sociedade União Operária. Na imprensa, a discussão evidencia, para além de aspectos morais, as divergências ideológicas que permeiam os personagens do conformismo do cônego Godofredo a insatisfação e revolta de Coutinho.

Conclusão

Durante essa pesquisa busquei trazer aspectos gerais da Sociedade Operária Jaguareense e da Sociedade União Operária. Para identificar esses aspectos das sociedades e entender melhor sua atuação frente ao operariado jaguareense utilizei o Livro de Atas da Sociedade Operária Jaguareense, o trabalho de conclusão de curso da historiadora Patrícia Lima Vergara (2019) que trabalhou com a S.O.J. e as imprensas comercial, clerical e operária.

Essa pesquisa faz parte de uma iniciativa de tentar entender e problematizar o movimento operário na primeira República na cidade de Jaguarão. Os personagens que são objetos dessa análise, são expressões vivas não apenas da existência de operários e sim de uma classe operária que, a partir de sua articulação, estratégias e organização, produziu uma consciência de si e conseqüentemente de sua classe. Os pontos mais relevantes trazidos por essa pesquisa estão no fato de constatar a existência de duas sociedades operárias divergentes em sua iniciativas e atuação, e evidenciar algumas de suas estratégias frente ao operariado como atuação em espaços educacionais, teatrais, socorro mútuo, auxílio em caso doenças entre outros, trazidos durante o segundo e terceiro capítulos.

.Existe uma limitação de fontes muito grande em relação à Sociedade União Operária. Sabe-se que ela foi fundada em primeiro de maio de 1912 e que tinha aspectos de sua organização que se aproximavam da entidade riograndina. Parte das fontes utilizadas para evidenciar os aspectos da S.U.O, estão no livro de Atas da Sociedade Operária Jaguareense e na imprensa local que compõem o acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. Infelizmente não pude pesquisar o acervo pois, por medidas de conservação, boa parte deste não está disponível. Os periódicos que foram utilizados passaram por um processo de higienização e digitalização no projeto de conservação de fontes da Universidade Federal do Pampa. No entanto, apenas uma parcela do acervo passou por esse processo, limitando essa pesquisa a se aprofundar no entendimento da S.U.O na cidade. Outro aspecto que também prejudicou o trabalho foi não conseguir pesquisar o periódico *O Rebate (1921-1922)* na Biblioteca Pública Pelotense, jornal no qual Coutinho publicava artigos no período em que esteve em Jaguarão.

Saliento que mesmo com todas as dificuldades impostas ao processo de pesquisa, esse trabalho traz aspectos relevantes da S.U.O, evidenciando sua existência. Alguns questionamentos ficam em relação a essa sociedade como, por exemplo, se haveria um periódico, espaço físico, as atividades de lazer e sociabilidade, quem eram os operários que ali se agrupavam entre outros questionamentos que só podem ser respondidos com uma pesquisa mais aprofundada sobre o movimento operário.

Já a Sociedade Operária Jaguareense conta com uma riquíssima fonte que é o seu livro de Atas, guardado e mantido no acervo do Círculo Operário Jaguareense. Nesse livro é possível

constatar o grupo que fazia parte da entidade, o quantitativo de sócios, as divergências externas e internas e os aspectos ideológicos que permeavam a entidade entre outras coisas. Criada em 1911, a S.O.J. não fazia distinção étnicas ou profissionais entre seus sócios e, dentro dela, haviam pedreiro, padeiro, doceiro, instalador, empregado, chofer, sapateiro, entre outras. As propostas da entidade eram educacionais, prestação de auxílios, criação de espaços de sociabilidade, lazer e divertimento.

Jaguarão, como outras cidades na primeira República, não contava com nenhum tipo de assistência do Estado. Não existia segurança para saúde, educação, previdência e relações no mundo do trabalho. Desta forma, essas entidades eram alternativas para o operariado minimamente conseguir ter condições de sobreviver sem maiores dificuldades. É importante destacar que o Brasil recém havia colocado fim à escravidão e, esse período de ausência de direitos e num mundo de relações de trabalho livre, evidenciou com nitidez as contradições com que se sustentava a nação.

Ambas as sociedades surgem em um momento de efervescência do movimento operário no país e, em um período marcado de lutas por direitos sociais, políticos e trabalhistas, refletindo também a conjuntura nacional com a atuação - para além Igreja Católica entre os operários-, também dos socialistas e anarquistas. Essa conjuntura perpassa os personagens Antônio Guedes Coutinho e Cônego Godofredo Evers, ambos com uma intensa atuação no movimento operário sob ótica e perspectivas diferentes, evidenciando a existência de uma pluralidade de ideias no movimento operário.

Por muitas décadas a existência do movimento operário era atribuída apenas às zonas industriais e grandes centros urbanos. No entanto, segundo Loner (1999), para a existência de uma classe operária é necessário uma formação identitária forjada dentro de espaços de lutas coletivas como sociedades, jornais, partidos e representações de classe. É possível constatar que, apesar do tamanho da cidade, Jaguarão contava com um mundo do trabalho permeado de relações conflituosas, e nesse espaço surgiram entidades com perspectivas distintas que buscavam coletivamente solucionar ou amenizar os problemas existentes. Desta forma, Jaguarão no início do século XX contava com uma classe operária plural formada por operários negros, brancos e imigrantes e que, em seus espaços coletivos, disputavam pela formação da identidade dos trabalhadores segundo suas perspectivas ideológicas.

Referências bibliográficas

ALADRÉN, Gabriel. Estancieiros escravistas na fronteira rio-grandense: a estrutura de posse de escravos em regiões de pecuária (Jaguarão e Cachoeira, Rio Grande do Sul, (1799-1840). Hermes & Clio. Grupo de Estudos e Pesquisa em História Econômica FEA/USP. Seminário de História Econômica. Agosto de 2011.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. O Jaguarenses no jornal A Alvorada (1932-1934): Imprensa negra e política

na fronteira Brasil-Uruguai. Méti: História e Cultura, v.19, p. 54 - 79, 2020.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; SABINO, Vinicius. O Colégio Noturno 20 de Setembro: a comunidade negra

em agência por projetos de educação. In: ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES, 4., 2018, Pelotas. Anais [...]. Pelotas, 2018. p. 1-10.

AL-ALAM; Caiuá Cardoso, ESCOBAR; Giane Vargas, MUNARETTO, Sara Teixeira. Clube 24 de Agosto (1918-2018): 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai. Porto Alegre, 2018.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. O clube recreativo gaúcho: um clube social negro em Jaguarão. (1930-40), Florianópolis, 9 Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, maio de 2019.

BATALHA, Claudio H. M. O movimento operário na primeira República. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 2000.

Batalha, Claudio H. M. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX". In: Moraes, João Quartim de (org). História do marxismo no Brasil vol.II. Campinas, Editora da Universidade de Campinas (UNICAMP), 1995.

BATALHA, Claudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo oligárquico, da proclamação da República até a revolução de 30. Rio de Janeiro, 2018.

BATALHA, Mateus. Entre o ideal e o real: a cadeia civil de Jaguarão (1845-1870). Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2015.

BATALHA, Mateus. Porosas fronteiras: experiências de escravidão e liberdade nos limites do império (Jaguarão - segunda metade do século XIX). Dissertação de Mestrado, UNISINOS, São Leopoldo, 2017.

CARATTI, Jônatas Marques. O solo da liberdade: As trajetórias da preta Faustina e do pardo Anacleto pela fronteira rio-grandense em tempos do processo abolicionista uruguaio (1842-1862). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2013.

CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. O negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CEREDA, Allan Mateus. “Não tinha o que comer, botava no bolso”: Situações de classe na charqueada/frigorífico São Domingos (1950-1975). Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2017.

CHANTRAIN, Godofredo. História dos Premonstratenses: Averbodienses e Jauenses, atuando no Brasil, 1896-2006.

CHALHOUB, Sidney. Visões da liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DIEHL, Astor Antônio. Os Círculo Operários: Um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

FRANCO, Sérgio da Costa. Gente e Coisas da Fronteira Sul: ensaios históricos. Porto Alegre: Sulina, 2001.

FRANCO, Sérgio da Costa; SOARES, Eduardo Álvares de Souza (orgs.). Olhares sobre Jaguarão. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves. (Org.). O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 1, p. 161-189.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1966.

Fundação de Economia e Estatística De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul-Censos do RS 1803-1950. Porto Alegre, 1981.

HOBBSAWM, Eric. “História operária e ideologia”. In: Mundos do trabalho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LIMA, Andréa da Gama: O Legado da Escravidão na Formação do Patrimônio Cultural Jaguareense (1802-1888), dissertação de mestrado apresentado para obtenção do título de mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPel (Universidade Federal de Pelotas), 2010.

LONER, Beatriz Ana. Construção de Classe: Operários de Pelotas e Rio Grande. Pelotas, Editora UFPel (editora da Universidade Federal de Pelotas), 2016.

LONER, Beatriz Ana. Classe operária mobilização e organização em Pelotas 1888-1937. Dissertação de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Porto Alegre, 1999.

MARTINS, Roberto Duarte. A ocupação do espaço na fronteira Brasil - Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão. Catalunya, Universitat Politècnica de Catalunya. Escola Técnica Superior D'Arquitectura, 2001.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Os cativos e os Homens de bem: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre 1858 – 1888. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

NUNES, Juliana S. “Somos o Suco do Carnaval!” A Marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto. 2010. Monografia, Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “que a união operária seja nossa pátria!” História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: editora ufsm (editora da Universidade Federal de Santa Maria), 2001.

RAUSCH, Urbano. Uma vida dedicada ao Círculo Operário. São Leopoldo, editora Unisinos, dezembro de 1997.

ROSA, Alzemiro Gonçalves da. A voz popular: O cerro da pólvora nas décadas de 1960-1970 em Jaguarão/RS. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Unipampa. Jaguarão, 2015.

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. “O pós-abolição como problema histórico: balanço e perspectivas”. In: Topoi, v. 5, n. 8, jan-jun. 2004, pp. 170-198.

SOARES, Eduardo. Thomas Aquinas Schoenaerds: três anos no Brasil (1901-1904). Pelotas, Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. Uma reflexão sobre o gênero biográfico : a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945), Dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. Um socialista no Rio Grande do Sul, Antônio Guedes Coutinho, Porto Alegre, Editora UFRGS (editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. Ser Socialista em Rio Grande na virada do século XIX: Ciência/religião e reforma/revolução no pensamento de Antônio Guedes Coutinho Porto Alegre, Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXII, n. 2, p. 53-70, 1996.

SILVA, JR. Adhemar Lourenço da. As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul–Brasil, 1854-1940). Dissertação apresentada de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SILVA, Tiago Rosa. Uma fronteira negra: resistência escrava através das fugas anunciadas nos jornais jaguarenses (1855-1873). Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2015.

SILVA, Tiago Rosa. Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no Pós-abolição: imprensa, carnaval e Clubes Sociais Negros na fronteira sul do Brasil - 1913-1980. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SOARES, Eduardo Álvares de Souza; FRANCO, Sérgio da Costa (org). Olhares sobre

Jaguarão. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

SOUZA, Daniel Filipe Soares. Negras Fronteiras: Relações de parentesco negro e terra na fronteira Brasil-Uruguai, Jaguarão/RS. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Unipampa. Jaguarão, 2022.

THOMPSON, E P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. I, 1987.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VERGARA, Patrícia Lima. “Um por todos, e todos por um” A Sociedade Operária Jaguareense. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Unipampa. Jaguarão, 2019.